

## As Primaveras, de Casimiro de Abreu

### Fonte:

ABREU, Casimiro de. As Primaveras. São Paulo: Livraria Editora Martins S/A co-edição Instituto Nacional do Livro, 1972.

### Texto proveniente de:

Biblioteca Virtual do Estudante de Língua Portuguesa <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>  
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo  
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### Texto-base digitalizado por:

Raquel Sallaberry Brião, São Paulo - SP

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas.  
Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

## AS PRIMAVERAS

Casimiro de Abreu

A\*\*\*

Falo a ti - doce virgem dos meus sonhos,  
Visão dourada dum cismar tão puro,  
Que sorrias por noite de vigília  
Entre as rosas gentis do meu futuro.  
Tu m'inspiraste, oh musa do silêncio,  
Mimosa flor de lânguida saudade!  
Por ti correu meu estro ardente e louco  
Nos verdores febris da mocidade.  
Tu vinhas pelas horas das tristezas  
Sobre o meu ombro debruçar-te a medo.  
A dizer-me baixinho mil cantigas,  
Como vozes sutis dalgum segredo !  
Por ti eu me embarquei, cantando e rindo,  
- Marinheiro de amor - no batel curvo,  
Rasgando afouto em hinos d'esperança  
As ondas verde-azuis dum mar que é turvo.  
Por ti corri sedento atrás da glória;  
Por ti queimei-me cedo em seus fulgores;  
Queria de harmonia encher-te a vida,  
Palmas na frente - no regaço flores !  
Tu, que foste a vestal dos sonhos d'ouro,  
O anjo-tutelar dos meus anelos,  
Estende sobre mim as asas brancas...  
Desenrola os anéis dos teus cabelos !  
Muito gelo, meu Deus, crestou-me as galas !  
Muito vento do sul varreu-me as flores !  
Ai de mim - se o relento de teus risos  
Não molhasse o jardim dos meus amores !  
Não te esqueças de mim ! Eu tenho o peito

De santas ilusões, de crenças cheio !  
- Guarda os cantos do louco sertanejo  
No leito virginal que tens no seio !  
Podes ler o meu livro: - adoro a infância,  
Deixo a esmola na enxerga do mendigo,  
Creio em Deus, amo a pátria, e em noites lindas  
Minh'alma - aberta em flor - sonha contigo.  
Se entre as rosas das minhas - Primaveras -  
Houver rosas gentis, de espinhos nuas;  
Se o futuro atirar-me algumas palmas,  
As palmas do cantor - são todas tuas !  
Agosto 20 - 1859.

A Canção do exílio

Eu nasci além dos mares:  
Os meus lares,

Meus amores ficam lá !  
Onde canta nos retiros  
Seus suspiros,  
Suspiros o sabiá !  
Oh ! que céu, que terra aquela,  
Rica e bela  
Como o céu de claro anil !  
Que selva, que luz, que galas,  
Não exalas,  
Não exalas, meu Brasil !  
Oh ! que saudades tamanhas  
Das montanhas,  
Daqueles campos natais !  
Daquele céu de safira  
Que se mira,  
Que se mira nos cristais !  
Não amo a terra do exílio,  
Sou bom filho,  
Quero a pátria, o meu país,  
Quero a terra das mangueiras  
E as palmeiras,  
E as palmeiras tão gentis !  
Como a ave dos palmares  
Pelos ares  
Fugindo do caçador;  
Eu vivo longe do ninho,  
Sem carinho,  
Sem carinho e sem amor !  
Debalde eu olho e procuro...  
Tudo escuro  
Só vejo em roda de mim !  
Falta a luz do lar paterno  
Doce e terno,  
Doce e terno para mim !  
Distante do solo amado  
- Desterrado -  
A vida não é feliz.  
Nessa eterna primavera  
Quem me dera,  
Quem me dera o meu país !

Lisboa - 1855

Minha terra

Todos cantam sua terra,  
Também vou cantar a minha,  
Nas débeis cordas da lira  
Hei de faze-la rainha;  
- Hei de dar-lhe a realeza  
Nesse trono de beleza  
Em que a mão da natureza  
Esmerou-se enquanto tinha.  
Correi pr'as bandas do sul:  
Debaixo de um céu de anil  
Encontrareis o gigante  
Santa Cruz, hoje Brasil;  
- É uma terra de amores  
Alcatifada de flores  
Onde a brisa fala amores  
Nas belas tardes de abril.  
Tem tantas belezas, tantas,  
A minha terra natal.  
Que nem as sonha um poeta  
E nem as canta um mortal !  
- É uma terra encantada  
- Mimoso jardim de fada -  
Do mundo todo invejada  
Que o mundo não tem igual.  
Não, não tem, que Deus fadou-a:  
Dentre todas - a primeira:  
Deu-lhe esses campos bordados,

Deu-lhe os leques da palmeira.  
E a borboleta que adeja  
Sobre as flores que ela beija,  
Quando o vento rumoreja  
Nas folhagens da mangueira.  
É um país majestoso  
Essa terra de Tupã,  
Desde o Amazonas ao Prata,  
Do Rio Grande ao Pará !  
- Tem serranias gigantes  
E tem bosques verdejantes  
Que repetem incessantes  
Os cantos do sabiá.  
Ao lado da cachoeira,  
Que se despenha fremente,  
Dos galhos da sapucaia  
Nas horas do sol ardente,  
Sobre um solo d'açucenas,  
Suspensa a rede de penas,  
Ali nas tardes amenas  
Se embala o índio indolente.  
Foi ali que noutro tempo  
À sombra do cajazeiro  
Soltava seus doces carmes  
O Petrarca brasileiro;

E a bela que o escutava  
Um sorriso deslizava  
Para o bardo que pulsava  
Seu alaúde fagueiro.  
Quando Dirceu e Marília  
Em terníssimos enleios  
Se beijavam com ternura  
Em celestes devaneios;  
Da selva o vate inspirado,  
O sabiá namorado,  
Na laranjeira pousado  
Soltava ternos gorjeios.  
Foi ali, foi no Ipiranga,  
Que com toda majestade  
Rompeu de lábios augustos  
O brado da liberdade;  
Aquele voz soberana  
Voo na plaga indiana  
Desde o palácio à choupana,  
Desde a floresta à cidade !  
Um povo ergueu-se cantando  
- Mancebos e anciãos -  
E, filhos da mesma terra,  
Alegres deram-se as mãos:  
Foi belo ver esse povo  
Em suas glórias tão novo,  
Bradando cheio de fogo:  
Portugal ! somos irmãos !  
Quando nasci, esse brado  
Já não soava na serra  
Nem os ecos da montanha  
Ao longe diziam - guerra !  
Mas não sei o que sentia  
Quando, a sós, eu repetia  
Cheio de nobre ousadia  
O nome da minha terra !  
Se brasileiro eu nasci  
Brasileiro hei de morrer,  
Que um filho daquelas matas  
Ama o céu que o viu nascer;  
Chora, sim, porque tem prantos,  
E são sentidos e santos  
Se chora pelos encantos  
Que nunca mais há de ver.

Chora, sim, como suspiro  
Por esses campos que eu amo,  
Pelas mangueiras copadas  
E o canto do gaturamo;  
Pelo rio caudaloso,  
Pelo prado tão relvoso,  
E pelo tiê formoso  
Da goiabeira no ramo !  
Quis cantar a minha terra,  
Mas não pode mais a lira;  
Que outro filho das montanhas  
O mesmo canto desfira,  
Que o proscrito, o desterrado,  
De ternos prantos banhados,

De saudades torturado,  
Em vez de cantar - suspira !  
Tem tantas belezas, tantas,  
A minha terra natal,  
Que nem as sonha um poeta  
E nem as canta um mortal !  
- É uma terra de amores  
Alcatifada de flores  
Onde a brisa em seus rumores  
Murmura: - não tem rival !  
Lisboa - 1856

#### Saudades

Nas horas mortas da noite  
Como é doce o meditar  
Quando as estrelas cintilam  
Nas ondas quietas do mar;  
Quando a lua majestosa  
Surgindo linda e formosa,  
Como donzela vaidosa  
Nas águas se vai mirar !  
Nessas horas de silêncio,  
De tristezas e de amor,  
Eu gosto de ouvir ao longe,  
Cheio de mágoa e de dor,  
O sino do campanário  
Que fala tão solitário  
Com esse som mortuário  
Que nos enche de pavor.  
Então - proscrito e sozinho -  
Eu solto os ecos da serra  
Suspiros dessa saudade  
Que no meu peito se encerra  
Esses prantos de amargores  
São prantos cheios de dores:  
- Saudades - dos meus amores,  
- Saudades da minha terra !

#### Rosa murcha

Esta rosa desbotada  
Já tantas vezes beijada,  
Pálido emblema de amor;  
É uma folha caída  
Do livro da minha vida,  
Um canto imenso de dor !  
Há que tempos ! Bem me lembro...  
Foi um dia de Novembro:  
Deixava a terra natal,  
A minha pátria tão cara,  
O meu lindo Guanabara,  
Em busca de Portugal.  
Na hora da despedida

Tão cruel e tão sentida  
P'ra quem sai do lar fagueiro;  
Duma lágrima orvalhada,  
Esta rosa foi-me dada

Ao som dum beijo primeiro.  
Deixava a pátria, é verdade,  
la morrer de saudade  
Noutros climas, noutras plagas;  
Mas tinha orações ferventes  
Duns lábios inda inocentes  
Enquanto cortasse as vagas.  
E hoje, e hoje, meu Deus?!  
- Hei de ir junto aos mausoléus  
No fundo dos cemitérios,  
E ao baço clarão da lua  
Da campa na pedra nua  
Interrogar os mistérios !  
Carpir o lírio pendido  
Pelo vento desabrido...  
Da divindade os arcanos  
Dobrando a fronte saudosa,  
Chorar a virgem formosa  
Morta na flor dos anos !  
Era um anjo! Foi p'ro céu  
Envolta em místico véu  
Nas asas dum querubim;  
Já dorme o sono profundo,  
E despediu-se do mundo  
Pensando talvez em mim !  
Oh ! esta flor desbotada,  
Já tantas vezes beijada,  
Que de mistérios não tem!  
Em troca do seu perfume  
Quanta saudade resume  
E quantos prantos também !  
Lisboa - 1855

Juriti

Na minha terra, no bulir do mato,  
A juriti suspira;  
E como o arrulo dos gentis amores,  
São os meus cantos de secretas dores  
No chorar da lira.  
De tarde a pomba vem gemer sentida  
À beira do caminho;  
- Talvez perdida na floresta ingente -  
A triste geme nessa voz plangente  
Saudades do seu ninho.  
Sou como a pomba e como as vozes dela  
É triste o meu cantar;  
- Flor dos trópicos - cá na Europa fria  
Eu definho, chorando noite e dia  
Saudades do meu lar.  
A juriti suspira sobre as folhas secas  
Seu canto de saudade;

Hino de angústia, fêrvido lamento,  
Um poema de amor e sentimento,  
Um grito d'orfandade !  
Depois...o caçador chega cantando  
À pomba faz o tiro...  
A bala acerta e ela cai de bruços,  
E a voz lhe morre nos gentis soluços,  
No final suspiro.  
E como o caçador, a morte em breve  
Levar-me-á consigo;  
E descuidado, no sorrir da vida,  
irei sozinho, a voz desfalecida,  
Dormir no meu jazigo.  
E - morta - a pomba nunca mais suspira  
À beira do caminho;  
E como a juriti - longe dos lares -  
Nunca mais chorarei nos meus cantares  
Saudades do meu ninho !  
Lisboa - 1857

Meus oito anos

Oh ! que saudades que tenho  
Da aurora de minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais !  
Como são belos os dias  
Do despontar da existência !  
- Respira a alma inocência  
Como perfumes a flor;  
O mar é - lago sereno,  
O céu é - um manto azulado,  
O mundo - um sonho dourado,  
A vida - um hino d'amor !  
Que auroras, que sol, que vida,  
Que noites de melodia  
Naquela doce alegria,  
Naquele ingênuo folgar !  
O céu bordado d'estrelas,  
A terra de aromas cheia,  
As ondas beijando a areia  
E a lua beijando o mar !  
Oh! dias da minha infância !  
Oh! meu céu de primavera !  
Que doce a vida não era  
Nessa risonha manhã !  
Em vez das mágoas de agora,  
Eu tinha nessas delícias  
De minha mãe as carícias  
E beijos de minha irmã !  
Livre filho das montanhas,

Eu ia bem satisfeito,  
De camisa aberto o peito,  
- Pés descalços, braços nus -  
Correndo pelas campinas  
À roda das cachoeiras,  
Atrás das asas ligeiras  
Das borboletas azuis !  
Naqueles tempos ditosos  
la colher as pitangas,  
Trepava a tirar as mangas,  
Brincava à beira do mar;  
Rezava às Ave-Marias,  
Achava o céu sempre lindo,  
Adormecia sorrindo  
E despertava a cantar !  
Oh! que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais !  
- Que amor, que sonhos, que flores.  
Naquelas tardes fagueiras  
À sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjais !  
Lisboa - 1857

No álbum de J.C.M.

Nestas folhas perfumadas  
Pelas rosas desfolhadas  
Desses cantos de amizade,  
Permite que venha agora  
Quem longe da pátria chora  
Bem triste gravar: - saudade !  
Lisboa

Na rede

Nas horas ardentes do pino do dia  
Aos bosques corri;

E qual linda imagem dos castos amores,  
Dormindo e sonhando cercada de flores  
Nos bosques a vi!  
Dormia deitada na rede de penas  
- O céu por dossel,  
De leve embalada no quieto balanço  
Qual nauta cismando num lago bem manso  
Num leve batel!  
Dormia e sonhava - no rosto serena  
Qual um serafim;  
Os cílios pendidos nos olhos tão belos,  
E a brisa brincando nos soltos cabelos  
De fino cetim!  
Dormia e sonhava - formosa embebida  
No doce sonhar,

E doce e sereno num mágico anseio  
Debaixo das roupas batia-lhe o seio  
No seu palpar!  
Dormia e sonhava - a boca entreaberta,  
O lábio a sorrir;  
No peito cruzados os braços dormentes,  
Compridos e lisos quais brancas serpentes  
No colo a dormir!  
Dormia e sonhava - num sonho de amores  
Chamava por mim,  
E a voz suspirosa nos lábios morria  
Tão terna e tão meiga qual vaga harmonia  
De algum bandolim!  
Dormia e sonhava - de manso cheguei-me  
Sem leve rumor;  
Pendi-me tremendo e qual fraco vagido,  
Qual sopro da brisa, baixinho ao ouvido  
Falei-lhe de amor!  
Ao hálito ardente o peito palpita...  
Mas sem despertar;  
E como nas ânsias dum sonho que é lindo,  
A virgem na rede corando e sorrindo...  
Beijou-me a sonhar!  
Junho - 1858

A Voz do rio – num álbum

Nosso sol é de fogo, o campo é verde,  
O mar é manso, nosso céu azul!  
- Ai! porque deixas este pátrio ninho  
Pelas friezas dos vergéis do sul?  
Lá nessa terra onde o Guaíba chora  
Não são as noites, como aqui, formosas  
E as duras asas do Pampeiro iroso  
Quebra as tulipas e desfolha as rosas.  
A lua é doce, nosso mar tranqüilo,  
Mais leve a brisa, nosso céu azul!...  
- Tupá! Quem troca pelo pátrio ninho  
As ventanias dos vergéis do sul?  
Lá novos campos outros campos ligam  
E a vista fraca na extensão se perde!  
E tu sozinha viverás no exílio  
- Garça perdida nesse mar que é verde! -  
Nossas campinas como doces noivas  
Vivem c'os montes sob o céu azul!  
- Há vida e amores neste pátrio ninho  
Mais rico e belo que os vergéis do sul!  
Essas palmeiras não têm tantos leques,  
O sol dos Pampas mareou seu brilho,  
Nem cresce o tronco que susteve um dia  
O berço lindo em que dormiu teu filho!  
Nossas florestas sacudindo os galhos  
Tocam c'os braços este céu azul!...  
- Se tudo é grande neste pátrio ninho  
Porque deixá-lo p'ra viver no sul?!  
Embora digas: - essa terra fria

Merece amores, é irmã da minha -  
quem dar-te pode este calor do ninho,  
A luz suave que o teu berço tinha?!  
Eu - Guanabara - no meu longo espelho  
Reflico as nuvens deste céu azul;  
- Ó minha filha! acalentei-te o sono,  
Porque me deixas p'ra viver no sul?!...  
Lá, quando a terra s'embuçar nas sombras  
E o medroso sol s'esconder nas águas,  
Teu pensamento, como o sol que morre,  
Há de cismando mergulhar-se em mágoas!  
Mas se forçoso t'ê deixar a pátria  
Pelas friezas dos vergéis do sul,  
Ó minha filha! não t'esqueças nunca  
Destas montanhas, deste céu azul.  
Tupá bondoso te derrame graças,  
Doce ventura te bafeje e siga,  
E nos meus braços - ao voltar do exílio -  
Saudando o berço que teu lábio diga:  
"Volvo contente para o pátrio ninho,  
"Deixei sorrindo esses vergéis do sul;  
"Tinha saudades deste sol de fogo...  
"Não deixo mais este meu céu azul!..."  
Rio - 1858

Sete de setembro - A D. Pedro II

Foi um dia de glória! - O povo altivo  
Trocou sorrindo as vozes de cativo  
Pelo cantar das festas!  
O leão indomável do deserto  
Bramiu soberbo, dos grilhões liberto,  
No meio das florestas!  
Lá no Ipiranga do Brasil o Marte  
Enrolado nas dobras do estandarte  
Erguia o augusto porte;  
Cercada a frente dos lauréis da glória  
Soltou tremendo o brado da vitória:  
- Independência ou morte!  
O santo amor dos corações ardentes  
Achou eco no peito dos valentes  
No campo e na cidade;  
E nos salões - do pescador nos lares,  
Livres soaram hinos populares  
À voz da liberdade!  
Anos correram; - no torrão fecundo  
Ao sol de fogo deste novo-mundo  
A semente brotou;  
E franca e leda, a geração nascente  
À copa altiva da árvore frondente  
Segura se abrigou!  
À roda da bandeira sacrossanta  
Um povo esperançoso se levanta  
Infante e a sorrir!  
A nação do letargo se desperta,  
E - livre - marcha pela estrada aberta  
Às glórias do porvir!

O país, n'alegria todo imerso,  
Velava atento à roda só dum berço  
Era o vosso, Senhor!  
Vós do tronco feliz doce renovo,  
Vede agora, Senhor, na voz do povo  
Quão grande é seu amor!  
Rio - 1858

Poesia e amor

A tarde que expira,  
A flor que suspira,  
O canto da lira,  
Da lua o clarão;  
Dos mares na raia



A luz que desmaia,  
E as ondas na praia  
Lambendo-lhe o chão;  
Da noite a harmonia  
Melhor que a do dia,  
E a viva ardência  
Das águas do mar;  
A virgem incauta,  
As vozes da flauta,  
E o canto do nauta  
Chorando o seu lar;  
Os trêmulos lumes,  
Da fonte os queixumes,  
E os meigos perfumes  
Que solta o vergel;  
As noites brilhantes,  
E os doces instantes  
Dos noivos amantes  
Na lua-de-mel;  
Do templo nas naves  
As notas suaves,  
E o trino das aves  
Saudando o arrebol;  
As tardes estivas,  
E as rosas lascivas  
Erguendo-se altivas  
Aos raios do sol;  
A gota de orvalho  
Tremendo no galho  
Do velho carvalho,  
Nas folhas do ingá;  
O bater do seio,  
Dos bosques no meio  
O doce gorjeio  
Dalgum sabiá;  
A órfã que chora,  
A flor que se cora  
Aos raios da aurora,  
No albor da manhã;  
Os sonhos eternos,  
Os gozos mais ternos,  
Os beijos maternos

E as vozes de irmã;  
O sino da torre  
Carpindo quem morre,  
E o rio que corre  
Banhando o chorão;  
O triste que vela  
Cantando à donzela  
A trova singela  
Do seu coração;  
A luz da alvorada,  
E a nuvem dourada  
Qual berço de fada  
Num céu todo azul;  
No lago e nos brejos  
Os férvidos beijos  
E os loucos bafejos  
Das brisas do sul;  
Toda essa ternura  
Que a rica natura  
Soleta e murmura  
Nos hálitos seus,  
Da terra os encantos,  
Das noites os prantos,  
São hinos, são cantos  
Que sobem a Deus!  
Os trêmulos lumes,  
Da veiga os perfumes,

Da fonte os queixumes,  
Dos prados a flor,  
Do mar a ardentia,  
Da noite a harmonia,  
Tudo isso é - poesia!  
Tudo isso é - amor!  
Indaiçu - 1857

#### Orações - A\*\*\*

A alma, como o incenso, ao céu s'eleva  
Da fervida oração nas asas puras,  
E Deus recebe como um longo hosana  
O cântico de amor, das criaturas.  
Do trono d'ouro, que circundam os anjos  
Sorrindo ao mundo a Virgem-Mãe s'inclina  
Ouvindo as vozes d'innocência bela  
Dos lábios virginais duma menina.  
Da tarde morta o murmurar se cala  
Ante a prece infantil, que sobe e voa  
Fresca e serena qual perfume doce  
Das frescas rosas de gentil coroa.  
As doces falas de tua alma santa  
Valem mais do que eu valho, oh! querubim!  
Quando rezares por teu mano, à noite,  
Não t'esqueças - também reza por mim!  
Rio - 1858

#### Bálsamo

Eu vi-a lacrimosa sobre as pedras  
Rojar-se essa mulher que a dor ferira!  
A morte lhe roubara de um só golpe  
Marido e filho, encaneceu-lhe a fronte,  
E deixou-a sozinha e desganhada  
- Estátua da aflição aos pés dum túmulo!  
O esquálido coveiro p'ra dois corpos  
Ergueu a mesma enxada, e nessa noite  
A mesma cova os teve!  
E a mãe chorava,  
E mais alto que o choro erguia as vozes!

.....  
No entanto o sacerdote - fronte branca  
Pelo gelo dos anos - a seu lado  
Tentava consolá-la.  
A mãe aflita  
Sublime desse belo desespero  
As vozes não lhe ouvia; a dor suprema  
Toldava-lhe a razão no duro transe.  
"Oh! padre! - disse a pobre s'estorcendo  
Co'a voz cortada dos soluços d'alma -  
"Onde o bálsamo, as falas d'esperança,  
"O alívio à minha dor?!"  
Grave e solene,  
O padre não falou - mostrou-lhe o céu!  
Rio - 1858

#### Deus

Eu me lembro! eu me lembro! - Era pequeno  
E brincava na praia; o mar bramia  
E, erguendo o dorso altivo, sacudia  
A branca espuma para o céu sereno.  
E eu disse a minha mãe nesse momento:  
"Que dura orquestra! Que furor insano!  
"Que pode haver maior do que o oceano,  
"Ou que seja mais forte do que o vento?!" -  
Minha mãe a sorrir olhou p'r'os céus  
E respondeu: - "Um Ser que nós não vemos  
"É maior do que o mar que nós tememos,  
"Mais forte que o tufão! meu filho, é - Deus!"-  
Dezembro - 1858

#### Primaveras

A primavera é a estação dos risos,

Deus fita o mundo com celeste afago,  
Tremem as folhas e palpita o lago  
Da brisa louca aos amorosos frisos.

Na primavera tudo é viço e gala,  
Trinam as aves a canção de amores,  
E doce e bela no tapiz das flores  
Melhor perfume a violeta exala.  
Na primavera tudo é riso e festa,  
Brotam aromas do vergel florido,  
E o ramo verde de manhã colhido  
Enfeita a fronte da aldeã modesta.  
A natureza se desperta rindo,  
Um hino imenso a criação modula,  
Canta a calhandra, a juriti arrula,  
O mar é calmo porque o céu é lindo.  
Alegre e verde se balança o galho,  
Suspira a fonte na linguagem meiga,  
Murmura a brisa: - Como é linda a veiga!  
Responde a rosa: - Como é doce o orvalho!

II

Mas como às vezes sob o céu sereno  
Corre uma nuvem que a tormenta guia  
Também a lira alguma vez sombria  
Solta gemendo de amargura um treno.  
São flores murchas; - o jasmim fenece,  
Mas bafejado s'erguerá de novo  
Bem como o galho do gentil renovo  
Durante a noite, quando o orvalho desce.  
Se um canto amargo de ironia cheio  
Treme nos lábios do cantor mancebo,  
Em breve a virgem do seu casto enlevo  
Dá-lhe um sorriso e lhe entumece o seio.  
Na primavera - na manhã da vida -  
Deus às tristezas o sorriso enlaça,  
E a tempestade se dissipa e passa  
À voz mimosa da mulher querida.  
Na mocidade, na estação ferosa,  
Ama-se a vida - mocidade é crença,  
E alma virgem nesta festa imensa  
Canta, palpita, s'extasia e goza.  
1º de Julho - 1858

Cena íntima

Como estás hoje zangada  
E como olhas despeitada  
Só p'ra mim!  
- Ora diz-me: esses queixumes,  
Esses injustos ciúmes  
Não tem fim?  
Que pequei eu bem conheço,  
Mas castigo não mereço  
Por pecar;  
Pois tu queres chamar crime  
Render-me a chama sublime

Dum olhar!  
Por ventura te esqueceste  
Quando e amor me perdeste  
Num sorrir?  
Agora em cólera imensa  
Já queres dar a sentença  
Sem me ouvir!  
E depois, se eu te repito  
Que nesse instante maldito  
- Sem querer -  
Arrastado por magia  
Mil torrentes de poesia  
Fui beber!  
Eram uns olhos escuros  
Muito belos, muito puros,

Como os teus!  
Uns olhos assim tão lindos  
Mostrando gozos infindos,  
Só dos céus!  
Quando os vi fulgindo tanto  
Senti num peito um encanto  
Que não sei!  
Juro falar-te a verdade...  
Foi decerto - sem vontade -  
Que eu pequei!  
Mas hoje, minha querida,  
Eu dera até esta vida  
P'ra poupar  
Essas lágrimas queixosas,  
Que as tuas faces mimosas  
Vêm molhar!  
Sabe ainda ser clemente,  
Perdoa um erro inocente,  
Minha flor!  
Seja grande embora o crime  
O perdão sempre é sublime,  
Meu amor!  
Mas se queres com maldade  
Castigar quem - sem vontade -  
Só pecou;  
Olha, linda, eu não me queixo,  
A teus pés cair me deixo...  
Aqui 'stou!  
Mas se me deste, formosa,  
De amor na taça mimosa  
Doce mel;  
Ai! deixa que peça agora  
Esses extremos d'outrora  
O infiel.  
Prende-me... nesses teus braços  
Em doces, longos abraços  
Com paixão;  
Ordena um gesto altivo...  
Que te beije este cativo  
Essa mão!  
Mata-me sim... de ventura,  
Com mil beijos de ternura  
Sem ter dó,

Que eu prometo, anjo querido,  
Não desprender um gemido,  
Nem um só!

#### Juramento

Tu dizes, ó Mariquinhas,  
Que não crês nas juras minhas,  
Que nunca cumpridas são!  
Mas se eu não te jurarei nada,  
Como há de tu, estouvada,  
Saber se eu as cumpro ou não?!  
Tu dizes que eu sempre minto,  
Que protesto o que não sinto,  
Que todo poeta é vário,  
Que é borboleta inconstante;  
Mas agora, neste instante,  
Eu vou provar-te o contrário.  
Vem cá, sentada ao meu lado  
Com esse rosto adorado  
Brilhante de sentimento.  
Ao colo o braço cingido,  
Olhar no meu embebido,  
Escuta o meu juramento.  
Espera: - inclina essa fronte...  
Assim!... - Pareces no monte  
Alvo lírio debruçado!  
- Agora, se em mim te fias,

Fica séria, não te rias,  
O juramento é sagrado:  
“- Eu juro sobre estas tranças,  
“E pelas chamas que lanças  
“Desses teus olhos divinos;  
“Eu juro, minha inocente,  
“Embalar-te docemente  
“Aos som dos mais ternos hinos!  
“Pelas ondas, pelas flores,  
“Que se estremecem de amores  
“Da brisa ao sopro lascivo;  
“Eu juro por minha vida,  
“Deitar-me a teus pés, querida,  
“Humilde como um cativo!  
“Pelos lírios, pelas rosas,  
“Pelos estrelas formosas,  
“Pelo sol que brilha agora,  
“- Eu juro dar-te, Maria,  
“Quarenta beijos por dia  
“E dez abraços por hora!”  
O juramento está feito,  
Foi dito co'a mão no peito  
Apontando ao coração:  
E agora - por vida minha,  
Tu verás, oh! moreninha,  
Tu verás se o cumpro ou não !...  
Rio - 1857

#### Perfumes e amor – na primeira folha dum álbum

A flor mimosa que abrilhanta o prado  
ao sol nascente vai pedir fulgor;  
E o sol, abrindo da açucena as folhas,  
Dá-lhe perfumes - e não nega amor.  
Eu que não tenho, como o sol, seus raios,  
Embora sinta nesta fronte ardor,  
Sempre quisera ao encetar teu álbum  
Dar-lhe perfumes - desejar-lhe amor.  
Meu Deus! nas folhas deste livro puro  
Não manche o pranto da inocência o alvor,  
Mas cada canto que cair dos lábios  
Traga perfumes - e murmure amor.  
Aqui se junte, qual num ramo santo,  
Do nardo o aroma e da camélia a cor,  
E possa a virgem, percorrendo as folhas,  
Sorver perfumes, respirar amor.  
Encontre bela, caprichosa sempre,  
Nos ternos hinos d'infantil frescor  
Entrelaçados na grinalda amiga  
Doces perfumes - e celeste amor.  
Talvez que diga, recordando tarde  
O doce anelo do feliz cantor:  
- “Meu Deus! nas folhas do meu livro d'alma  
Sobram perfumes - e não falta amor!”  
Junho - 1858

#### Segredos

Eu tenho uns amores - quem é que os não o tinha  
Nos tempos antigos? - Amar não faz mal;  
As almas que sentem paixão como a minha  
Que digam, que falem em regra geral.  
- A flor dos meus sonhos é moça bonita  
Qual flor entr'aberta do dia ao raiar,  
Mas onde ela mora, que casa ela habita,  
Não quero, não posso, não devo contar!  
Seu rosto é formoso, seu talhe elegante,  
Seus lábios de rosa, a fala é de mel,  
As tranças compridas, qual livre bacante,  
O pé de criança, cintura de anel;  
- Os olhos rasgados são cor da safiras,  
Serenos e puros, azuis como o mar;  
Se falam sinceros, se pregam mentiras,

Não quero, não posso, não devo contar!  
Oh! ontem no baile com ela valsando  
Senti as delícias dos anjos do céu!  
Na dança ligeira qual silfo voando  
Caiu-lhe do rosto seu cândido véu!  
- Que noite e que baile! - Seu hábito virgem  
Queimava-me as faces no louco valsar,  
As falas sentidas que os olhos falavam  
Não posso, não quero, não devo contar!

Depois indolente firmou-se no meu braço  
Fugimos das salas, do mundo talvez!  
Inda era mais bela rendida ao cansaço  
Morrendo de amores em tal languidez!  
- Que noite e que festa! e que lânguido rosto  
Banhado ao reflexo do branco luar!  
A neve do colo e as ondas dos seios  
Não quero, não posso, não devo contar!  
A noite é sublime! - Tem longos queixumes,  
Mistérios profundos que eu mesmo não sei:  
Do mar os gemidos, do prado os perfumes,  
De amor me mataram, de amor suspirei!  
- Agora eu vos juro... Palavra! - não minto:  
Ouvi-a formosa também suspirar;  
Os doces suspiros que os ecos ouviram  
Não quero, não posso, não devo contar!  
Então nesse instante nas águas do rio  
Passava uma barca, e o bom remador  
Cantava na flauta: - "Nas noites d'estio  
O céu tem estrelas, o mar tem amor!"-  
- E a voz maviosa do bom gondoleiro  
Repete cantando: - "viver é amar!"-  
Se os peitos respondem à voz do barqueiro...  
Não quero, não posso, não devo contar!  
Trememos de medo... a boca emudece  
Mas sentem-se os pulos do meu coração!  
Seu seio nevado de amor se entumece...  
E os lábios se tocam no ardor da paixão!  
- Depois... mas já vejo que vós, meus senhores,  
Com fina malícia quereis me enganar.  
Aqui faço ponto; - segredos de amores  
Não quero, não posso, não devo contar!  
Rio - 1857

Clara

Não sabe, Clara, que pena  
Eu teria se - morana  
Tu fosse em vez de clara!  
Talvez... Quem sabe?... não digo...  
Mas refletindo comigo  
Talvez nem tanto te amara!  
A tua cor é mimosa,  
Brilha mais da face a rosa,  
Tem mais graça a boca breve,  
O teu sorriso é delírio...  
És alva da cor do lírio,  
És clara da cor da neve!  
A morena é predileta,  
Mas a clara é do poeta:  
Assim se pintam arcanjos.  
Qualquer, encantos encerra,  
Mas a morena é da terra  
Enquanto a clara é dos anjos!  
Mulher morena é ardente:

Prende o amante demente  
Nos fios do seu cabelo;  
- A clara é sempre fria,  
Mas dá-me licença um dia  
Que vou arder no teu gelo!  
A cor morena é bonita,

Mas nada, nada te imita  
Nem mesmo sequer de leve.  
- O teu sorriso é delírio...  
És alva da cor do lírio,  
És clara da cor da neve!  
Rio - 1857

A Valsa - A M\*\*\*

Tu, ontem  
Na dança  
Que cansa,  
Voavas  
Co'as faces  
Em rosas  
Formosas  
De vivo,  
Lascivo  
Carmim;  
Na valsa,  
Corrias,  
Fugias,  
Ardente,  
Contente,  
Tranqüila,  
Serena,  
Sem pena  
De mim!  
Quem dera  
Que sintas  
As dores  
De amores  
Que louco  
Senti!  
Quem dera  
Que sintas!...  
- Não negues  
Não mintas...  
- Eu vi!...  
Valsavas:  
- Teus belos  
Cabelos,  
Já soltos,  
Revoltos,  
Saltavam,  
Voavam,  
Brincavam  
No colo  
Que é meu;  
E os olhos

Escuros  
Tão puros,  
Os olhos  
Perjuros  
Volvias,  
Tremias,  
Sorrias,  
P'ra outro  
Não eu!  
Quem dera  
Que sintas  
As dores  
De amores  
Que louco  
Senti!  
Quem dera  
Que sintas!...  
- Não negues,  
Não mintas...  
- Eu vi!...  
Meu Deus!

Eras bela  
Donzela,  
Valsando,  
Sorrindo,  
Fugindo,  
Qual silfo  
Risonho  
Que em sonho  
Nos vem!  
Mas esse  
Sorriso  
Tão liso  
Que tinhas  
Nos lábios  
De rosa,  
Formosa,  
Tu davas,  
Mandavas  
A quem?!  
Quem dera  
Que sintas  
As dores  
De amores  
Que louco  
Senti!  
Quem dera  
Que sintas!...  
- Não negues,  
Não mintas...  
- Eu vi!...  
Calado,  
Sozinho,  
Mesquinho,  
Em zelos  
Ardendo,  
Eu vi-te  
Correndo

Tão falsa  
Na valsa  
Veloz!  
Eu triste  
Vi tudo!  
Mas mudo  
Não tive  
Nas galas  
Das salas,  
Nem falas,  
Nem cantos,  
Nem prantos,  
Nem voz!  
Quem dera  
Que sintas  
As dores  
De amores  
Que louco  
Senti!  
Quem dera  
Que sintas!...  
Não mintas!...  
- Não negues,  
- Eu vi!...  
Na valsa  
Cansaste;  
Ficaste  
Prostrada,  
Turbada!  
Pensavas,  
Cismavas,  
E estavas



Tão pálida  
Rosa  
Mimosa  
No vale  
Do vento  
Cruento  
Batida,  
Caída  
Sem vida  
No chão!  
Quem dera  
Que sintas  
As dores  
De amores  
Que louco  
Senti!  
Quem dera  
Que sintas!...  
- Não negues,  
Não mintas...  
- Eu vi!...  
Rio - 1858

No lar

I

Longe da pátria, sob um céu diverso  
Onde o sol como aqui tanto não arde,  
Chorei de saudades do meu lar querido  
- Ave sem ninho que suspira à tarde. -  
No mar - de noite - solitário e triste  
Fitando os lumes que no céu tremiam,  
Ávido e louco nos meus sonhos d'alma  
Folguei nos campos que meus olhos viam.  
Era pátria e família e vida e tudo,  
Glória, amores, mocidade e crença,  
E, todo em choros, vim beijar as praias  
Por que chorara nessa longa ausência.  
Eis-me na pátria, no país das flores,  
- O filho pródigo a seus lares volve,  
E consertando as suas vestes rotas,  
O seu passado com prazer revolve! -  
Eis meu lar, minha casa, meus amores,  
A terra onde nasci, meu teto amigo,  
A gruta, a sombra, a solidão, o rio  
Onde o amor me nasceu - cresceu comigo.  
Os mesmos campos que eu deixei criança,  
Árvores novas... tanta flor no prado!...  
Oh! como és linda, minha terra d'alma,  
- Noiva enfeitada para o seu noivado! -  
Foi aqui, foi ali, além... mais longe,  
Que eu sentei-me a chorar no fim do dia;  
- Lá vejo o atalho que vai dar na várzea...  
Lá o barranco por onde eu subia!...  
Acho agora mais seca a cachoeira  
Onde banhei-me o infantil cansaço...  
- Como está velho o laranjal tamanho  
Onde eu caçava o sanhaço a laço!...  
Como eu me lembro dos meus dias puros!  
Nada me esquece!... e esquecer quem há de?...  
- Cada pedra que eu palpo, ou tronco, ou folha  
Fala-me ainda dessa doce idade!  
Eu me remoço recordando a infância,  
E tanto a vida me palpita agora  
Que eu dera oh! Deus! a mocidade inteira  
Por um só dia do viver d'outrora!  
E a casa?... as salas, este móveis... tudo,  
O crucifixo pendurado ao muro...  
O quarto do oratório... a sala grande  
Onde eu temia penetrar no escuro!...  
E ali... naquele canto... o berço amado!

E minha mana, tão gentil, dormindo!  
E mamãe a contar-me histórias lindas  
Quando eu chorava e a beijava rindo!  
Oh! primavera ! oh! minha mãe querida!  
Oh! mana! - anjinho que eu amei com ânsia -  
Vinde ver-me, em soluços - de joelhos -  
Beijando em choros este pó da infância !

II

Meu Deus ! eu chorei tanto lá no exílio !  
Tanta dor me cortou a voz sentida,  
Que agora neste gozo de proscrito  
Chora minh'alma e me sucumbe a vida !  
Quero amor! quero vida! e longa e bela  
Que eu, Senhor ! não vivi - dormi apenas !  
Minh'alma que se expande e se entumece  
Despe seu luto nas canções amenas.  
Que sede que eu sentia nessas noites !  
Quanto beijo roçou-me os lábios quentes!  
E, pálido, acordava no meu leito  
- Sozinho - e órfão das visões ardentes!  
Quero amor! quero vida! aqui, na sombra,  
No silêncio e na voz desta natura;  
- Da primavera de minh'alma os cantos  
Caso co'as flores da estação mais pura.  
Quero amor! quero vida! os lábios ardem...  
Preciso as dores dum sentir profundo !  
- Sôfrego a taça esgotarei num trago  
Embora a morte vá topar no fundo.  
Quero amor ! quero vida ! Um rosto virgem,  
- Alma de arcanjo que me fale de amores,  
Que ria e chore, que suspire e gema  
E doure a vida sobre um chão de flores.  
Quero amor ! quero amor ! - Uns dedos brancos  
Que passem a brincar nos meus cabelos;  
Rosto lindo de fada vaporosa  
Que dê-me vida e que me mate em zelos !  
Oh! céu de minha terra - azul sem mancha -  
Oh! sol de fogo que me queima a fronte,  
Nuvens douradas que correis no ocaso,  
Névoas da tarde que cobris o monte;  
Perfumes da floresta, vozes doces,  
Mansa lagoa que o luar prateia,  
Claros riachos, cachoeiras altas,  
Ondas tranqüilas que morreis na areia;  
Aves dos bosques, brisas das montanhas,  
Bentevis do campo, sabiás da praia,  
- Cantai, correi, brilhai - minh'alma em ânsias  
Treme de gozo e de prazer desmaia!  
Flores, perfumes, solidões, gorjeios,  
Amor, ternura - modulai-me a lira!  
- Seja um poema este ferver de idéias  
Que a mente cala e o coração suspira.  
Oh! mocidade! Bem te sinto e vejo!  
De amor e vida me transborda o peito...  
- Basta-me um ano!... e depois... na sombra...  
Onde tive o berço quero ter meu leito!  
Eu canto, eu choro, eu rio, e grato e louco  
Nos pobres hinos te bendigo, oh! Deus!  
Deste-me os gozos do meu lar querido...  
Bendito sejas! - vou viver c'os meus!  
Indaiaçu - 1857

Moreninha

Moreninha Moreninha,  
Tu és do campo a rainha,  
Tu és senhora de mim;  
Tu matas todos d'amores,  
Faceira, vendendo as flores  
Que colhes no teu jardim.

Quando tu passas n'aldeia  
Diz o povo à boca cheia:  
- "Mulher mais linda não há!  
"Ai! vejam como é bonita  
"Co'as tranças presas na fita,  
"Co'as flores no samburá!" -  
Tu é meiga, és inocente  
Como a rola que contente  
Voa e folga no rosal;  
Envolta nas simples galas,  
Na voz, no riso, nas falas,  
Morena - não tens rival!  
Tu, ontem, vinhas do monte  
E paraste ao pé da fonte  
À fresca sombra do til;  
Regando as flores sozinha,  
Nem tu sabes, Moreninha,  
O quanto achei-te gentil!  
Depois segui-te calado  
Como pássaro esfaimado  
Vai seguindo a juriti;  
Mas tão pura ias brincando,  
Pelos pedrinhas saltando,  
Que eu tive pena de ti!  
E disse então: - Moreninha,  
Se um dia tu fores minha,  
Que amor, que amor não terás!  
Eu dou-te noites de rosas  
Cantando canções formosas  
Ao som dos meus ternos ais.  
Morena, minha sereia,  
Tu és a rosa da aldeia,  
Mulher mais linda não há;  
Ninguém t'igual a ou t'imita  
Co'as tranças presas na fita,  
Co'as flores no samburá!  
Tu és a deusa da praça,  
E todo homem que passa  
Apenas viu-te... parou!  
Segue depois seu caminho  
Mas vai calado e sozinho  
Porque sua alma ficou!  
Tu és bela, Moreninha,  
Sentada em tua banquinha  
Cercada de todos nós;  
Rufando alegre o pandeiro,  
Como a ave no espinheiro  
Tu soltas também a voz:  
- "Oh quem me compra estas flores?  
"São lindas como os amores,

"Tão belas não há assim;  
"Foram banhadas de orvalho,  
"São flores do meu serralho,  
"Colhi-as no meu jardim."-  
Morena, minha Morena,  
És bela, mas não tens pena  
De quem morre de paixão!  
- Tu vendes flores singelas  
E guarda as flores belas,  
As rosas do coração?!...  
Moreninha, Moreninha,  
Tu és das belas rainha,  
Mas nos amores és má;  
- como tu ficas bonita  
Co'as tranças presas de fita,  
Co'as flores no samburá!  
Eu disse então: - "Meus amores,  
"Deixa mirar tuas flores,  
"Deixa perfumes sentir!"

Mas naquele doce enleio,  
Em vez das flores, no seio,  
No seio te fui bulir!  
Como nuvem desmaiada  
Se tinge de madrugada  
Ao doce albor da manhã;  
Assim ficaste, querida,  
A face em pejo acendida,  
Vermelha como a romã!  
Tu fugiste, feiticeira,  
E de certo mais ligeira  
Qualquer gazela não é;  
Tu ias de saia curta...  
Saltando a moita de murta  
Mostraste, mostraste o pé!  
Ai! Morena, ai! meus amores,  
Eu quero comprar-te as flores,  
Mas dá-me um beijo também;  
Que importam rosas do prado  
Sem o sorriso engraçado  
Que a tua boquinha tem?...  
Apenas vi-te, sereia,  
Chamei-te - rosa da aldeia -  
Como mais linda não há.  
- Jesus! Como eras bonita  
Co'as tranças presas na fita,  
Co'as flores no samburá!  
Indaiaçu - 1857

#### Borboleta

Borboleta dos amores,  
Como a outra sobre as flores,  
Porque és volúvel assim?  
Porque deixas, caprichosa,  
Porque deixas tu a rosa  
E vais beijar o jasmim?  
Pois essa alma é tão sedenta

Que um só amor não contenta  
E louca quer variar?  
Se já tens amores belos,  
P'ra que vais dar teus desvelos  
Aos goivos da beira-mar?  
Não sabes que a flor traída  
Na débil haste pendida  
Em breve murcha será?  
Que de ciúme fenece  
E nunca mais estremece  
Aos beijos que a brisa dá?...  
Borboleta dos amores,  
Como a outra sobre as flores,  
Porque és volúvel assim?  
Porque deixas, caprichosa,  
Porque deixas tua a rosa  
E vais beijar o jasmim?!  
Tu vês a flor da campina,  
E bela e terna e divina,  
Tu dá-lhe o que essa alma tem;  
Depois, passado o delírio,  
Esqueces o pobre lírio  
Em troca duma cecém!  
Mas tu não sabes, louquinha  
Que a flor que pobre definha  
Merece mais compaixão?  
Que a desgraça precisa,  
Como sopro da brisa,  
Os ais do teu coração?  
Borboleta dos amores,  
Como a outra sobre as flores,  
Porque és volúvel assim?  
Porque deixas, caprichosa,

Porque deixas tua a rosa  
E vais beijar o jasmim?!  
Se a borboleta dourada  
Esquece a rosa encarnada  
Em troca duma outra flor;  
Ela - a triste, molemente  
Pendida sobre a corrente,  
Falece à míngua d'amor.  
Tu também, minha inconstante,  
Tens tido mais dum amante  
E nunca amaste a um só!  
Eles morrem de saudade  
Mas tu na variedade  
Vais vivendo e não tens dó!  
Ai! és muito caprichosa!  
Sem pena deixas a rosa  
E vais beijar outras flores;  
Esqueces os que te amam...  
Por isso todos te chamam:  
- Borboleta dos amores!  
Rio - 1858

Quando tu choras

Quando tu choras, meu amor, teu rosto  
Brilha formoso com mais doce encanto,  
E as leves sombras de infantil desgosto  
Tornam mais belo o cristalino pranto.  
Oh! nessa idade da paixão lasciva,  
Como o prazer, é o chorar preciso:  
Mas breve passa - qual a chuva estiva -  
E quase ao pranto se mistura o riso.  
É doce o pranto de gentil donzela,  
É sempre belo quando a virgem chora:  
- Semelha a rosa pudibunda e bela  
Toda banhada do orvalho da aurora.  
Da noite o pranto, que tão pouco dura,  
Brilha nas folhas como um rir celeste,  
E a mesma gota transparente e pura  
Treme na relva que a campina veste.  
Depois o sol, como sultão brilhante,  
De luz inunda o seu gentil serralho,  
E às flores todas - tão feliz amante! -  
Cioso sorve o matutino orvalho.  
Assim, se choras, inda és mais formosa,  
Brilha teu rosto com mais doce encanto:  
- Serei o sol e tu serás a rosa...  
Chora, meu anjo, - beberei teu pranto!  
Rio - 1858

Canto de amor - A M\*\*\*

Eu vi-a a minha alma antes a vê-la  
Sonhara-a linda como agora a vi;  
Nos puros olhos e na face bela,  
Dos meus sonhos a virgem conheci.  
Era a mesma expressão, o mesmo rosto,  
Os mesmos olhos só nadando em luz,  
Em uns doces longes, como dum desgosto,  
Toldando a fronte que de amor seduz!  
E seu talhe era o mesmo, esbelto, airoso  
Como a palmeira que se ergue ao ar,  
Como a tulipa ao por-do-sol ! saudoso,  
Mole vergando à variação do mar.  
Era a mesma visão que eu dantes via,  
Quando a minha alma transbordava em fé;  
E nesta eu creio como na outra cria,  
Porque é a mesma visão, bem sei que é!  
No silencio da noite a virgem minha  
Soltas as tranças junto a mim dormir;  
E era bela, meu Deus, assim sozinha  
No seu sono d'infante inda a sorrir!...  
Via-a e não via-a! Foi num só segundo,

Tal como a brisa ao perpassar na flor,  
Mas nesse instante resumi um mundo  
De sonhos de ouro e de encantado amor.  
O seu olhar não me cobriu d'afago,  
E minha imagem nem sequer guardou,  
Qual se reflete sobre a flor dum lago  
A branca nuvem que no céu passou.

A sua vista esparecendo vaga,  
Quase indolente, não me viu, ai, não!  
Mas eu que sinto tão profunda chaga  
Ainda a vejo como a vi então.  
Que rosto d'anjo, qual estátua antiga  
No altar erguida, já caído o véu!  
Que olhar de fogo, que a paixão instiga!  
Que níveo colo prometendo um céu!  
Vi-a e amei-a, que minha alma ardente  
Em longos sonhos a sonhara assim;  
O ideal sublime, que eu criei na mente,  
Que em vão busca e que encontrei por fim!  
P'ra ti, formosa, o meu sonhar de louco  
E o dom fatal, que desde o berço é meu;  
Mas se os cantos da lira achares pouco,  
Pede-me a vida, porque tudo é teu.  
Se queres culto - como um crente adoro,  
Se preito queres - eu te caio aos pés,  
Se rires - rio, se chorares - choro,  
E bebo o pranto que banhar-te a tez.  
Dá-me em teus lábios, um sorrir fagueiro,  
E desses olhos um volver, um só,  
E verás que meu estro, hoje rasteiro,  
Cantando amores s'erguerá do pó!  
Vem reclinar-te, como a flor pendida,  
Sobre este peito cuja voz calei:  
Pede-me um beijo... e tu terás, querida,  
Toda paixão que para ti guardei.  
Do morto peito vem turbar a calma,  
Virgem, terás o que ninguém te dá;  
Em delírios d'amor dou-te minha alma,  
Na terra, a vida, a eternidade - lá!  
Se tu, oh linda, em chama igual te abrasas,  
Oh! não me tardes, não me tardes, - vem!  
Da fantasia nas douradas asas  
Nós viveremos noutro mundo - além!  
De belos sonhos nosso amor povôo,  
Vida bebendo nos olhares teus;  
E como a garça que levanta o vôo,  
Minha alma em hinos falará com Deus!  
Juntas, unidas num estreito abraço,  
As nossas almas uma só serão;  
E a fronte enferma sobre o teu regaço  
Criará poemas d'imortal paixão!  
Oh ! vem, formosa, meu amor é santo,  
É grande e belo como é grande o mar,  
É doce e triste como d'harpa um canto  
Na corda extrema que já vai quebrar!  
Oh! vem depressa, minha vida foge...  
Sou como o lírio que já murcho cai!  
Ampara o lírio que inda é tempo hoje!  
Orvalha o lírio que morrendo vai!...  
Rio - 1858

Violeta

Sempre teu lábio severo  
Me chama de borboleta!  
- Se eu deixo as rosas do prado  
É só por ti - violeta!  
Tu és formosa e modesta,  
As outras são tão vaidosas!  
Embora vivas na sombra

Amo-te mais do que as rosas.  
A borboleta travessa  
Vive de sol e de flores...  
- Eu quero os sol de teus olhos,  
O néctar de teus amores.  
Cativo do teu perfume  
Não mais serei borboleta;  
- Deixa eu dormir no teu seio,  
Dá-me teu mel - violeta!  
4 de abril

O Quê ?

Em que cismas, poeta? Que saudades  
Te adormecem na mágica fragância  
Das rosas do passado já pendidas?  
Nos sonhos d'alma que te lembras?  
- A infância!  
Que sombra, que fantasma vem banhado  
No doce aflúvio dessa quadra linda?  
E a mente a folhar os dias idos  
Que nome te recorda agora?  
- Arinda!  
Mas se passa essa quadra, fugitiva,  
Qual no horizonte solitária vela,  
Por que cismar na vida e no passado?  
E de quem são essas saudades?  
- Dela!  
E se a virgem viesse agora mesmo  
Surgindo bela qual visão de amores,  
Tu, p'ra saudá-la bem do imo d'alma,  
Diz-me, poeta - o que escolhias?  
- Flores.  
E se ela, farta dos aromas doces  
Que tem achado nos jardins divinos,  
Tão caprichosa machucasse as rosas...  
Diz-me, meu louco, o que mais tinhas?  
- Hinos!  
E se, teimosa, rejeitando a lira,  
a fronte virgem para ti pendida,  
Dum beijo a paga te pedisse altiva...  
O que lhe davas, meu poeta?  
- A vida!  
Rio - 1858

Sonhos de virgem A M.\*\*\*

Que sonhas, virgem, nos sonhos  
Que à mente te vêm risonhos  
Na primavera inda em flor?  
No celeste devaneio,  
No doce bater do seio,  
Que sonhas, virgem? - amor?  
Que céus, que jardins, que flores,  
Que longos cantos de amores  
Nos lindos sonhos te vêm?  
E quando a mente delira,  
E quando o peito suspira - por quem?  
Sonhando mesmo acordada,  
Pendida a fronte adorada  
Num cismar vago e sem fim;  
Do olhar o fogo tão vivo,  
A voz, o riso lascivo,  
O pensamento é - por mim?  
Quando tu dormes tranqüila,  
Cerrada a negra tulipa  
E o lábio doce a sorrir;  
Então o sonho dourado  
Nas dobras do cortinado  
Vem esmaltar o teu dormir!  
Oh! sonha! - Feliz idade  
Das rosas da virgindade,  
Dos sonhos do coração!

- Puro vergel de açucenas  
Ou lago d'águas serenas  
Que estremece a viração  
Feliz! Feliz quem pudera  
Colher-te na primavera  
De galas rica louçã!  
Feliz, oh! flor dos amores,  
Quem te beber os odores  
Nos orvalhos da manhã!  
Rio - 1858

Assim! A M.\*\*\*

Viste o lírio da campina?  
Lá s'inclina  
E murcho no hastil pendeu!  
- Viste o lírio da campina?  
Pois, divina,  
Como o lírio assim sou eu!  
Nunca ouviste a voz da flauta,  
A dor do nauta  
Suspirando no alto mar?  
- Nunca ouviste a voz da flauta?  
Como o nauta  
É tão triste o meu cantar!  
Não viste a rola sem ninho  
No caminho  
Gemendo, se a noite vêm?  
- Não viste a rola sem ninho?  
Pois, anjinho

Assim eu gemo, também!  
Não viste a barca perdida,  
Sacudida  
Nas asas dalgum tufão?  
Não viste a barca fendida?  
Pois, querida,  
Assim vai meu coração!  
Rio - 1858

Quando?!...

Não era belo, Maria,  
Aquele tempo de amores,  
Quando o mundo nos sorria,  
Quando a terra era só flores  
Da vida na primavera?  
- Era  
Não tinha o prado mais rosas,  
O sabiá mais gorjeios,  
O céu mais nuvens formosas,  
E mais puros devaneios  
A tua alma inocentinha?  
- Tinha!  
E como achavas, Maria,  
Aqueles doces instantes  
De poética harmonia  
Em que as brisas doudejantes  
Folgavam nos teus cabelos?  
- Belos!  
Como tremias, ho! Vida,  
Se em mim os olhos fitavas!  
Como eras linda, querida,  
Quando d'amor suspiravas  
Naquela encantadora aurora!  
- Ora!  
E diz-me: não te recordas  
- Debaixo do cajueiro -  
Lá da lagoa nas bordas  
Aquele beijo primeiro?  
Ia o dia já findando...  
- Quando?!...  
Rio - 1858

Sempre sonhos!...



Se eu tivesse, meu Deus, santos amores,  
Eu m'erguera cantando essa paixão,  
E atirara p'ra longe - sem saudade  
Este véu que me cobre a mocidade  
De tanta escuridão!  
Eu que sou como o cardo do rochedo  
Quase morto dos ventos ao rigor,  
Encontrara de novo a minha vida,  
O sol da primavera e a luz perdida,

Nos braços desse amor!  
Minha frente, que pende sofredora,  
Acharia, meu Deus, inspirações.  
E o fogo que queimou Gilbert e Dante  
Correria mais puro e mais constante  
Na lira das canções!  
No mundo tão gentil dos devaneios  
Minh'alma mais feliz saudara a luz,  
E apagara, Senhor, num beijo puro  
A dor imensa da perda do futuro  
Que a morte me conduz.  
Por ela eu deixaria a voz das turbas  
E esta ânsia infeliz de glória vã;  
Na vida que nos corre tão sombria  
Eu seria, meu Deus, seu doce guia,  
E ela - minha irmã!  
Eu velara, Senhor, pelos seus dias,  
Como a mãe vela o filho que dormiu:  
Se um dia ela soltasse um só gemido,  
Eu iria saber porque ferido  
Seu seio assim buliu!  
Como à sombra das árvores da pátria  
S'embala a doce filha dos tupis,  
À sombra da aventura e da esperança  
Embalara, meu Deus, essa criança  
Nos cantos juvenis!  
Como o nauta olha o céu de primavera,  
Eu, sentado a seus pés, ébrio de amor,  
Espreitara tremendo no seu rosto  
A sombra fugitiva dum desgosto,  
A nuvem duma dor!  
Eu lhe iria mostrar nos hinos d'alma  
Outro mundo, outro céu, outros vergéis;  
Nossa vida seria um doce afago,  
Nós - dois cisnes vogando em manso lago,  
- Amor - nossos batéis!  
Se eu tivesse, meu Deus, santos amores,  
Eu deixaria este amor da glória vã;  
Nesse mundo de luz, doce e risonho,  
A pudibunda virgem do meu sonho  
Seria minha irmã!  
1858

O que é – simpatia a uma menina

Simpatia - é o sentimento  
Que nasce num só momento,  
Sincero, no coração;  
São dois olhares acesos  
Bem juntos, unidos, presos  
Numa mágica atração.  
Simpatia - são dois galhos  
Banhados de bons orvalhos  
Nas mangueiras do jardim;  
Bem longe às vezes nascidos,  
Mas que se juntam crescidos

E se abraçam por fim.  
São duas almas bem gêmeas  
Que riem no mesmo riso,  
Que choram nos mesmos ais;  
São vozes de dois amantes,

Duas líras semelhantes,  
Ou dois poemas iguais.  
Simpatia - meu anjinho,  
É o canto do passarinho,  
É o doce aroma da flor,  
São nuvens dum céu d'Agosto,  
É o que me inspira teu rosto...  
- Simpatia - é - quase amor!  
Indaiaçu - 1857

#### Palavras no mar

Se eu fosse amado!...  
Se um rosto virgem  
Doce vertigem  
Me desse n'alma  
Turbando a calma  
Que me enlanguece!...  
Oh! se eu pudesse  
Hoje - sequer -  
Fartar desejos  
Nos longos beijos  
Duma mulher!...  
Se o peito morto  
Doce conforto  
Sentisse agora  
Na sua dor;  
Talvez nest'hora  
Viver quisera  
Na primavera  
De casto amor!  
Então minh'alma,  
Turbada e calma,  
- Harpa vibrada  
Por mão fadada -  
Como a calhandra  
Saúda o dia,  
Em meigos cantos  
Se exalaria  
Na melodia  
Dos sonhos meus;  
E louca e terna  
Nessa vertigem  
Amara a virgem  
Cantando a Deus!...  
Avon - 1857

#### Pepita

Minh'alma é mundo virgem, - ilha perdida -  
Em lagos de cristais;  
Vem, Pepita, - Colombo dos amores, -  
Vem descobri-lo, no país da flores  
Sultana reinarás!  
Eu serei teu vassalo e teu cativo  
Nas terras onde és rei;  
À sombra dos bambus vem tu ser minha rainha;  
Teu reinado de amor, doce rainha,  
Na lira cantarei.  
Minh'alma é como o pombo inda sem penas  
Sozinho a pipilar  
- Vem tu, Pepita, visitá-lo ao ninho;  
As asas a bater, o passarinho  
Contigo irá voar.  
Minh'alma é como rocha toda estéril  
Nos plainos do Sará;  
Vem tu - fada de amor - dar-lhe co'a vara...  
- Qual penedo que Moisés tocara  
O jorro saltará.  
Minh'alma é um livro lindo, encadernado,  
Co'as folhas em cetim;  
- Vem tu, Pepita, soletrá-lo um dia...  
Tem poemas de amor, tem melodia

Em cânticos sem fim!  
Minh'alma é o batel prendido à margem  
Sem leme, em ócio vil;  
- Vem soltá-lo, Pepita, e correremos  
- Soltas as velas - desprezando remos,  
Que o mar é todo anil.  
Minh'alma é um jardim oculto em sombras  
Co'as flores em botão;  
- Vem ser da primavera o sopro louco,  
Vem tu, Pepita, bafejar-me um pouco  
Que as rosas abrirão.  
O mundo em que eu habito tem mais Sonhos,  
A vida mais prazer;  
- Vem, Pepita, das tardes no remanso,  
Da rede dos amores no balanço  
Comigo adormecer.  
Oh! vem! eu sou a flor aberta à noite  
Perdida no arrebol!  
Dá-me um carinho dessa voz lasciva,  
E a flor pendida s'erguerá mais viva  
Aos raios desse sol!  
Bem vêes, sou como a planta que definha  
Torrada do calor.  
- Dá-me o riso feliz em vez da mágoa...  
O lírio morto quer a gota d'água,  
- Eu quero o teu amor!  
Rio - 1858

#### Visão

Uma noite, meu Deus, que noite aquela!  
Por entre as galas, no fervor da dança,

Vi passar, qual num sonho vaporoso,  
O rosto virginal duma criança.  
Sorri-me; - era um sonho de minh'alma  
Esse riso infantil que o lábio tinha:  
- Talvez que essa alma dos amores puros  
Pudesse um dia conversar co'a minha!  
Eu olhei, ela olhou... doce mistério!  
Minh'alma despertou-se à luz da vida.  
E as vozes duma lira e dum piano  
Juntos se uniram na canção querida.  
Depois eu indolente descuidei-me  
Da planta nova dos gentis amores,  
E a criança, correndo pela vida,  
Foi colher nos jardins mais lindas flores.  
Não voltou; - talvez ela adormecesse  
Junto à fonte, deitada na verdura,  
E - sonhando - a criança se recorde  
Do moço que ela viu e que a procura!  
Corri pelas campinas noite e dia  
Atrás do berço d'ouro dessa fada;  
Rasguei-me nos espinhos do caminho...  
Cansei-me a procurar e não vi nada!  
Agora como um louco eu fito as turbas  
Sempre a ver se descubro a face linda...  
- Os outros a sorrir passam cantando,  
Só eu a suspirar procuro ainda!...  
Onde foste, visão dos meus amores!  
Minh'alma sem te ver, louca suspira,  
- Nunca mais unirás, sombra encantada,  
O som do teu piano à voz da lira?!...  
Setembro - 1858

#### Queixumes

Olho e vejo...tudo é gala,  
Tudo canta e tudo fala,  
Só minh'alma  
Não se acalma,  
Muda e triste não se ri!  
Minha mente já delira,  
E meu peito só suspira

Por ti! Por ti!  
Ai! quem me dera essa vida  
Tão bela e doce vivida  
Nos meus lares  
Sem pesares  
No sossego só dali!  
Não tinha-te visto as tranças  
Nem rasgado as esperanças  
Por ti! Por ti!  
Perdi as flores da idade,  
É a flor na mocidade  
É meu canto  
- Todo pranto, -  
Qual a voz do juriti!  
No teu sorriso embebido

Deixei meu sonho querido  
Por ti! Por ti!  
Ai! se eu pudesse, formosa,  
Roçar-te os lábios de rosa  
Como às flores  
- Seus amores -  
Faz o louco colibri;  
Esta minh'alma nos hinos  
Erguera cantos divinos  
Por ti! Por ti!  
Ai! não m'esqueças já morto!  
À minh'alma dá conforto,  
Diz na lousa:  
"Coitado! descansa aqui!"  
Ai! não te esqueças, senhora,  
Da flor pendida n'aurora  
Por ti! Por ti!  
Junho - 1858

#### Amor e medo

I

Quando eu te fujo e me desvio cauto  
Da luz de fogo que cerca, oh! bela,  
Contigo dizes, suspirando amores:  
"- Meu Deus! que gelo, que frieza aquela!"  
Como te enganas! meu amor é chama  
Que se alimenta no voraz segredo,  
E se te fujo é que te adoro louco...  
És bela - eu moço; tens amor - eu medo!...  
Tenho medo de mim, de ti, de tudo,  
Da luz, da sombra, do silêncio ou vozes,  
Das horas longas a correr velozes.  
O véu da noite me atormenta em dores,  
A luz da aurora me entumece os seios,  
E ao vento fresco do cair das tardes  
Eu me estremeço de cruéis receios.  
É que esse vento que na várzea - ao ongo,  
Do colmo o fumo caprichoso ondeia,  
Soprando um dia tornaria incêndio  
A chama viva que teu sorriso ateia!  
Ai! se abrasado crepitasse o cedro,  
Cedendo ao raio que a tormenta envia,  
Diz: - que seria da plantinha humilde  
Que à sombra dele tão feliz crescia?  
A labareda que se enrosca ao tronco  
Torrara a planta qual queimara o galho,  
E a pobre nunca reviver pudera,  
Chovesse embora paternal orvalho!

II

Ai! se eu te visse no calor da sesta.  
A mão tremendo no calor das tuas,  
  
Amarrotado o teu vestido branco,  
Soltos cabelos nas espáduas nuas!...  
Ai! se eu te visse, Madalena pura,

Sobre o veludo reclinada a meio,  
Olhos cerrados na volúpia doce,  
Os braços frouxos - palpitante o seio!...  
Ai! se eu te visse em languidez sublime,  
Nas faces as rosas virginais do pejo,  
Trêmula a fala a protestar baixinho...  
Vermelha a boca, soluçando um beijo!...  
Diz: - que seria da pureza d'anjo,  
Das vestes alvas, do candor das asas?  
- Tu te queimaras, a pisar descalça,  
- Criança louca, - sobre um chão de brasas!  
No fogo vivo eu me abrasara inteiro!  
Ébrio e sedento na fugaz vertigem  
Vil, machucara com meu dedo impuro  
As pobres flores da grinalda virgem!  
Vampiro infame, eu sorveria em beijos  
Toda inocência que teu lábio encerra,  
E tu serias no lascivo abraço  
Anjo enlodado nos paus da terra.  
Depois... desperta no febril delírio,  
- Olhos pisados - como um vão lamento,  
Tu perguntaras: - qué da minha c'roa?...  
Eu te diria: - desfolhou-a o vento!...  
Oh! não me chames coração de gelo!  
Bem vês: trai-me no fatal segredo.  
Se de ti fujo é que te adoro e muito,  
És bela - eu moço, tens amor, eu medo!...  
Outubro - 1858

Perdão!

I

Choraste?! - E a face mimosa  
Perdeu as cores da rosa  
E o seio todo tremeu?!  
Choraste, pomba dourada?!  
E a lágrima cristalina  
Banhhou-te a face divina  
E a bela fronte inspirada  
Pálida e triste pendeu?!  
Choraste?! - E longe não pude  
Sorver-te a lágrima pura  
Que banhhou-te a formosura!  
Ouvir-te a voz de alaúde  
A lamentar-se sentida!  
Humilde cair-te aos pés,  
Oferecer-te esta vida  
No sacrifício mais santo,  
Para poupar-te esse pranto  
Que te rolou sobre a tez!  
Choraste?! - De envergonhada,  
No teu pudor ofendida,

Porque minh'alma atrevida  
No seu palácio de fada,  
- No sonhar da fantasia -  
Ardeu em loucos desejos,  
Ousou cobrir-te de beijos  
E quis manchar-te na orgia!

II

Perdão pr'o pobre demente  
Culpado, sim, - inocente -  
Que se te amou, foi de mais!  
Perdão p'ra mim que não pude  
Calar a voz do alaúde,  
Nem comprimir os meus ais!  
Perdão, oh! flor dos amores,  
Se quis manchar-te os verdores,  
Se quis tirar-te do hastil!  
- Na voz que a paixão resume  
Tentei sorver-te o perfume...  
E fui covarde e fui vil!...

III

Eu sei de vera sozinho  
Sofrer comigo o tormento  
E na dor do pensamento  
Devorar essa agonia!  
- Devera, sedento algoz,  
Em vez de sonhos felizes,  
Cortar no peito as raízes  
Desse amor, e tão descrido  
Dos hinos matar-lhe a voz!  
- Devera, pobre fingido,  
Tendo n'alma atroz desgosto, Mostrar sorrisos no rosto,  
Em vez de mágoas - prazer,  
E mudo e triste e penando,  
Como um perdido te amando,  
Sentir, calar-me e - morrer!  
Não pude! - A mente fervia,  
O coração transbordava,  
Interna voz me falava,  
E louco ouvindo a harmonia  
Que a alma continha em si,  
Soltei na febre o meu canto  
E do delírio no pranto  
Morri de amores - por ti!

IV

Perdão! Se fui desvairado  
Manchar-te a flor d'innocência,  
E do meu canto n'ardência

Ferir-te no coração!  
- Será enorme o pecado,  
Mas tremenda a expiação  
Se me deres por sentença  
Da tua alma a indiferença,  
Do teu lábio a maldição!...  
Perdão, senhora!... Perdão!...  
Junho - 1858

Mocidade

Doce filha da lânguida tristeza,  
Ergue a fronte pendida - o sol fulgura!  
Quando a terra sorri-se e o mar suspira  
Porque te banha o rosto essa amargura?!  
Porque chorar quando a natureza é risos,  
Quando no prado a primavera é flores?  
- Não foge a rosa quando o sol a busca,  
Antes se abrasa nos gentis fulgores.  
Não! - Viver é amar, é ter um dia  
Um amigo, uma mão que nos afague;  
Uma voz que nos diga os seus queixumes,  
Que as nossas mágoas com amor apague.  
A vida é um deserto aborrecido  
Sem sombra doce, ou viração calmante;  
- Amor - é a fonte que nasceu nas pedras  
E mata a sede à caravana errante.  
Amal-vos! - Disse Deus criando o mundo,  
Amemos! - disse Adão no paraíso,  
Amor! - murmura o mar nos seus queixumes,  
Amor! - repete a terra num sorriso!  
Doce filha da lânguida tristeza,  
Tua alma a suspirar de amor definha...  
- Abre os olhos gentis à luz da vida,  
Vem ouvir no silêncio a voz da minha!  
Amemos! - Este mundo é tão tristonho!  
A vida, como um sonho - brilha e passa;  
Porque não havemos p'ra acalmar as dores  
Chegar aos lábios o licor da taça?  
O mundo! O mundo! - E que te importa o mundo?  
- Velho invejoso, a resmungar baixinho!  
Nada perturba a paz serena e doce  
Que as rolas gozam no seu casto ninho.

Amemos! - tudo vive e tudo canta...  
Cantemos! seja a vida - hinos e flores;  
De azul se veste o céu... vistamos ambos  
O manto perfumado dos amores.  
Doce filha da lânguida tristeza,  
Ergue a fronte pendida - o sol fulgura!  
- Como a flor indolente da campina  
Abre ao sol da paixão tua alma pura!  
Setembro - 1858

#### Noivado

Filha do céu - oh flor das esperanças,  
Eu sinto um mundo no bater do peito!  
Quando a lua brilhar num céu sem nuvens  
Desfolha rosas no virgíneo leito.  
Nas horas do silêncio inda és mais bela!  
Banhada do luar, num vago anseio,  
Os negros olhos de volúpia mortos,  
Por sob a gaze te estremece o seio!  
Vem! a noite é linda, o mar é calmo,  
Dorme a floresta - meu amor só vale;  
Suspira a fonte e minha voz sentida  
É doce e triste como as vozes dela.  
Qual eco fraco de amorosa queixa  
Perpassa a brisa na magnólia verde,  
E o som magoado do tremer das folhas  
Longe - bem longe - devagar se perde.  
Que céu tão puro! que silêncio augusto!  
Que aromas doces! que natura esta!  
Cansada a terra adormecida sorrindo  
Bem como a virgem no cair da sesta!  
Vem! tudo é tranqüilo, a terra dorme,  
Bebe o sereno o lírio do valado...  
- Sozinhos, sobre a relva da campina,  
Que belo que será nosso noivado!  
Tu dormirás ao som dos meus cantares,  
Oh! filha do sertão! sobre o meu peito.  
O moço triste, o sonhador mancebo  
Desfolha rosas no teu casto leito.  
1858

#### De joelhos

Qual reza o irmão pelas irmãs queridas,  
Ou a mãe que sofre pela filha bela,  
Eu - de joelhos - com as mãos erguidas,  
Suplico ao céu a felicidade dela.  
- "Senhor meu Deus, que sois clemente e justo,  
Que dais voz às brisas e perfume à rosa,  
Oh! protegei-a com o manto augusto  
A doce virgem que sorri medrosa!  
Lançai os olhos sobre a linda filha,  
Dai-lhe o sossego no sue casto ninho,  
E da vereda que seu pé já trilha  
Tirai a pedra e desviai o espinho!  
Senhor! livrai-a da rajada dura  
A flor mimosa que desponta agora;  
Deitai-lhe orvalho na corola pura,  
Dai-lhe bafejos, prolongai-lhe a aurora!  
A doce virgem como a tenra planta  
Nunca floresce sobre terra ingrata;  
- Bem como a rola - qualquer folha a espanta,  
- Bem como o lírio - qualquer vento a mata.  
Ela é a rola que a floresta cria,  
Ela é o lírio que a manhã descerra...  
Senhor, amai-a ! - a sua voz macia

Como a das aves, a inocência encerra!  
Sua alma pura na novel vertigem  
Pede ao amor o seu futuro inteiro...  
- Senhor! ouvi o suspirar da virgem,  
Dourai-lhe os sonhos no sonhar primeiro!

A mocidade, como a deusa antiga,  
Na fronte virgem lhe derrama flores...  
- Abri-lhe as rosas da grinalda amiga,  
Na mocidade derramai-lhe amores!  
Cercai-a sempre de bondade terna,  
Lançai orvalho sobre a flor querida;  
Fazei-lhe, oh Deus! a primavera eterna,  
Dai-lhe bafejos - prolongai-lhe a vida!  
Depois - de joelhos - eu direi: sois justo,  
Senhor! mil graças eu vos rendo agora!  
Vós protegestes com o manto augusto  
A doce virgem que minh'alma adora! -  
Dezembro - 1858

#### Três cantos

Quando se brinca contente  
Ao despontar da existência  
Nos folgedos da inocência,  
Nos delírios de criança;  
A alma, desabrocha  
Alegre, cândida e pura -  
Nessa contínua ventura  
É toda um hino: - esperança!  
Depois... na quadra ditosa,  
Nos dias da juventude,  
Quando o peito é um alaúde,  
E que a fronte tem calor;  
A alma então se expande  
Ardente, ferosa e bela -  
Idolatrando a donzela  
Soletra em trovas: - amor!  
Mas quando a crença se esgota  
Na taça dos desenganos,  
E o lento correr dos anos  
Envenena a mocidade;  
Então a alma cansada  
De belos sonhos despida,  
Chorando a passada vida -  
Só tem um canto: - saudade!  
Fevereiro - 1858

#### Ilusão

Quando o astro do dia desmaia  
Só brilhando com pálido lume,  
E que a onda que brinca na praia  
No murmúrio soletra um queixume;  
Quando a brisa da tarde respira

O perfume das rosas do prado,  
E que a fonte do vale suspira  
Como o nauta afastado;  
Quando o bronze da torre da aldeia  
Seus gemidos aos ecos envia,  
E que o peito que em mágoas anseia  
Bebe louco essa harmonia;  
Quando a terra, da vida cansada.  
Adormece num leito de flores  
Qual donzela formosa embalada  
Pelos cantos dos seus trovadores;  
Eu de pé sobre as rochas erguidas  
Sinto o pranto que manso desliza  
E repito essas queixas sentidas  
Que murmura as ondas co'a brisa.  
É então que a minha alma dormente  
Duma vaga tristeza se inunda,  
E que um rosto formoso, inocente,  
Me desperta saudade profunda.  
Julgo ver sobre o mar sossegado  
Um navio nas sombras fugindo,  
E na popa esse rosto adorado  
Entre prantos p'ra mim se sorrindo!  
Compreendo esse amargo sorriso,



Sobre as ondas correr eu quisera...  
E de pé sobre a rocha, indeciso,  
Eu lhe brado: - não fujas, - espera!  
Mas o vento já leva ligeiro  
Esse sonho querido dum dia,  
Essa virgem de rosto fagueiro,  
Esse rosto de tanta poesia!...  
E depois... quando a lua ilumina  
O horizonte com luz prateada,  
Julgo ver essa fronte divina  
Sobre as vagas cismando, inclinada!  
E depois... vejo uns olhos ardentes  
Em delírio nos meus fitando,  
E uma voz em acentos plangentes  
Vem de longe um - adeus - soluçando!  
Ilusão!... que a minha alma, coitada,  
De ilusões hoje em dia é que vive;  
É chorando uma glória passada,  
É carpindo uns amores que eu tive!  
Lisboa - 1856

#### Sonhando

Um dia, oh linda, embalada  
Ao canto do gondoleiro,  
Adormeceste inocente  
No teu delírio primeiro,  
- Por leito o berço da ondas,  
Meu colo por travesseiro!  
Eu, pensativo, cismava  
Nalgum remoto desgosto,  
Avivado na tristeza

Que a tarde tem, ao sol-posto,  
E ora mirava as nuvens,  
Ora fitava teu rosto.  
Sonhavas então, querida,  
E presa de vago anseio  
Debaixo das roupas brancas  
Senti bater o teu seio,  
E meu nome num soluço  
À flor dos lábios te veio!  
Tremeste como a tulipa  
Batida do vento frio...  
Suspiraste como a folha  
Da brisa ao doce cicio...  
E abriste os olhos sorrindo  
Às águas quietas do rio!  
Depois - uma vez - sentados  
Sob a copa do arvoredado,  
Falei-te desse soluço  
Que os lábios abriu-te a medo...  
- Mas tu, fugindo, guardaste  
Daquele sonho o segredo!...  
Agosto - 1858

#### Lembrança num álbum

Como o triste marinheiro  
Deixa em terra uma lembrança,  
Levando n'alma a esperança  
E a saudade que consome,  
Assim nas folhas do álbum  
Eu deixo meu pobre nome.  
E se na ondas da vida  
Minha barca for fendida  
E meu corpo espedaçado,  
Ao ler o canto sentido  
Do pobre nauta perdido  
Teus lábios dirão: - coitado!  
Junho - 1858

#### O Baile!

Se junto de mim te vejo  
Abre-te a boca um bocejo,

Só pelo baile suspiras!  
Deixas amor - pelas galas,  
E vais ouvir pelas salas  
Essas douradas mentiras!  
Tens razão! Mais valem risos  
Fingidos, desses Narcisos  
- Bonecos que a moda enfeita -  
Do que a voz sincera e rude  
De quem, prezando a virtude,  
Os atavios rejeita.  
Tens razão! - Valsa, donzela,

A mocidade é tão bela,  
E a vida tão pouco!  
No borborinho das sala,  
Cercada de amor e galas,  
Sê tu feliz - eu sou louco!  
E quando eu seja dormindo  
Sem luz, sem voz, sem gemido  
No sono que a dor conforta;  
Ao consertar tuas tranças  
No meio das contradanças  
Diz tu sorrindo: "- Qu'importa?...  
"Era um louco, em noites belas  
"Vinha fitar as estrelas  
"Nas praias, co'a fronte nua!  
"Chorava canções sentidas  
"E ficava horas perdidas  
"Sozinho, mirando a lua!  
"Tremia quando falava  
"E - pobre tonto - chamava  
"O baile - alegrias falsas!  
"- Eu gosto mais dessas falas  
"Que me murmuram nas salas  
"No ritonelo das valsas.- "  
Tens razão! - Valsa, donzela,  
A mocidade é tão bela  
E a vida dura tão pouco!  
P'ra que fez Deus as mulheres,  
P'ra que há na vida prazeres?  
Tu tens razão... eu sou louco!  
Sim, valsa, é doce a alegria,  
Mas ai! que eu não vejo um dia  
No meio de tantas galas -  
Dos prazeres na vertigem,  
A tua coroa de virgem  
Rolando no pó das salas!...  
Julho-1858

Minh'alma é triste  
|

Minh'alma é triste como a rola aflita  
Que o bosque acorda desde o albor da aurora  
E em doce arrulo que o soluço imita  
O morto esposo gemedora chora.  
E, como a rola que perdeu o esposo,  
Minh'alma chora as ilusões perdidas,  
E no seu livro de fanado gozo  
Relê as folhas que já foram lidas.  
E como as notas de chorosa endeixa  
Seu pobre canto com a dor desmaia,  
E seus gemidos são iguais à queixa  
Que a vaga solta quando beija a praia.  
Como a criança que banhada em prantos  
Procura o brinco que levou-lhe o rio,  
Minh'alma quer ressuscitar nos cantos  
Um só dos lírios que murchou no estio.

Dizem que há gozos nas mundanas galas  
Mas eu não sei em que o prazer consiste.  
- Ou só no campo, ou no rumor das salas,

Não sei porque - mas a minh'alma é triste!

II

Minh'alma é triste como a voz do sino  
Carpindo o morto sobre a laje fria:  
E doce e grave qual num templo um hino,  
Ou como a prece ao desmaiar do dia.  
Se passa um bote com as velas soltas,  
Minh'alma o segue n'amplidão dos mares;  
E longas horas acompanha as voltas  
Das andorinhas recortando os ares.  
Às vezes, louca, num cismar perdida,  
Minh'alma triste vai vagando à toa,  
Bem como a folha que do sul batida  
Bóia nas águas de gentil lagoa!  
E como a rola que em sentido queixa  
O bosque acorda desde o albor da aurora,  
Minh'alma em notas de chorosa endeixa  
Lamenta os sonhos que já tive aoutrora.  
Dizem que há gozos no correr dos anos!...  
Só eu não sei em que o prazer consiste.  
- Pobre ludíbrio de cruéis enganos,  
Perdi os risos - a minh'alma é triste!

III

Minh'alma é triste como a flor que morre  
Pendida à beira do riacho ingrato;  
Nem beijos dá-lhe a viração que corre,  
Nem doce cant o sabiá do mato!  
E como a flor que solitária pende  
Sem ter carícias no voar da brisa,  
Minh'alma murcha, mas ninguém entende  
Que a pobrezinha só de amor precisa!  
Amei outrora com amor bem santo  
Os negros olhos de gentil donzela,  
Mas dessa fronte de sublime encanto  
Outro tirou a virginal capela.  
Oh! quantas vezes a prendi nos braços!  
Que o diga e fale o laranjal florido!  
Se mão de ferro espedaçou dois laços  
Ambos choramos mas num só gemido!  
Dizem que há gozos no viver d'amores,  
Só eu não sei em que prazer consiste!  
- Eu vejo o mundo na estação das flores...  
Tudo sorri - mas minh'alma é triste!

IV

Minh'alma é triste como o grito agudo  
Das arapongas no sertão deserto;  
E como o nauta sobre o mar sanhudo,  
Longe da praia que julgou tão perto!  
A mocidade no sonhar florida  
Em mim foi beijo de lasciva virgem:  
- Pulava o sangue e me fervia a vida,  
Ardendo a fronte em bacanal vertigem.  
De tanto fogo tinha a mente cheia!...  
No afã da glória me atirei com ânsia...  
E, perto ou longe, quis beijar a s'reia  
Que em doce canto me atraiu na infância.  
Ai! loucos sonhos de mancebo ardente!  
Esp'ranças altas... Ei-las já tão rasas!...  
- Pombó selvagem, quis voar contente...  
Feriu-me a bala no bater das asas!  
Dizem que há gozos no correr da vida...  
Só eu não sei em que o prazer consiste  
- No amor, na glória, na mundana lida,  
Foram-se as flores - a minh'alma é triste!  
Março 12 - 1858

Palavras a alguém

Tu folgas travessa e louca  
Sem ouvires meu lamento,  
Sonhas jardins d'esmeralda

Nesse virgem pensamento,  
Mas olha que essa grinalda  
Bem pode murchá-la o vento!  
Ai que louca! abriste o livro  
Da minh'alma, livro santo,  
Escrito em noites d'angústia,  
Regado com muito pranto,  
E... quase rasgaste as folhas  
Sem entenderes o canto!  
Agora corres nos charcos  
Em vez das alvas areias!...  
Deleita-te a voz fingida  
Dessas formosas sereias...  
Mas eu te falo e te aviso:  
- "olha que tu te enlameias!" -  
Tu és a pomba inocente,  
Eu sou teu anjo-da-guarda,  
Devo dizer-te baixinho:  
- "Olha que a morte não tarda!  
"Mariposa dos amores,  
"Deixa a luz, embora arda.  
"A chama seduz e brilha  
- "Qual diamante entre gazas -  
"E tu no fogo maldito  
"Tão descuidosa te abrasas!  
"Mariposa, mariposa,  
"Tu vais queimar tuas asas!"  
Conchinha das lisas praias,  
Nasceste em alvas areias,

Não corras tu para os charcos  
Arrebatada nas cheias!...  
- Os teus vestidos são brancos...  
Olha que tu te enlameias!...  
... - 1858

Folha negra

Sinhá  
Um outro mancebo  
Alegre, poeta e crente,  
Soltara um canto fervente  
De amor talvez! - de alegria,  
E aqui nas folhas do livro  
Deixara - amor e poesia.  
Mas eu que não tenho risos  
Nem alegrias tampouco,  
Nem sinto esse fogo louco  
Que a mocidade consome,  
Nas brancas folhas do livro  
Só posso deixar meu nome!  
É triste como um gemido,  
É vago como um lamento;  
- Queixume que solta o vento  
Nas pedras duma ruína  
Na hora em que o sol se apaga  
E quando o lírio s'inclina!...  
Grito de angústia do pobre  
Que sobre as águas se afoga,  
Cadáver que bóia e voga  
Longe da praia querida,  
Grito de quem n'agonia  
- Já morto - se apega à vida!  
Vozes de flauta longínqua  
Que as nossas mágoas aviva,  
Soluços da patativa,  
Queixume do mar que rola,  
Cantiga em noite de lua  
Cantada ao som da viola!...  
Saudades do pegureiro  
Que chora o seu lar amado,  
- Calado e só - recostado

Na pedra dalgum caminho...  
Canção de santa doçura  
Da mãe que embala o filhinho!...  
Meu nome!... É simples e pobre  
Mas é sombrio e traz dores,  
- Grinalda de murchas flores  
Que o sol queima e não consome...  
- Sinhá!... das folhas do livro  
É bom tirar o meu nome!...  
Setembro - 1858

À Morte de Afonso de A. Coutinho Messeder

Estudante da escola central

É triste ver a flor que desabrocha  
Ou quer no prado, ou na deserta rocha,  
Pender no fraco hastil!  
É bem triste nos anos verdes  
Morrer mancebo, no brotar das flores,  
Na quadra juvenil!  
Meu Deus! tu que és tão bom e tão clemente,  
P'ra que apagas, Senhor, a chama ardente  
Num crânio de vulcão?  
P'ra que poupas o cedro já vestuto  
E, sem dó, vais ferir o pobre arbusto  
Às vezes no embrião?!...  
Pois não fora melhor vivesse planta  
Cujo perfume a solidão encanta  
No sossego do val?...  
- Não veríamos nós neste martírio  
Desfalecer tão belo e pobre lírio  
Pendido ao vendaval!  
Pobre mancebo! Nesse peito nobre  
E nessa frente que o sepulcro cobre  
Era funo o sentir!  
Agora solitário tu descansas.  
E contigo esse mundo de esperanças  
Tão rico de porvir!  
Oh! lamentemos essa pura estrela  
Sumida, como no horizonte a vela  
Nas névoas da manhã!  
A sepultura foi há pouco aberta...  
Mas o dormente já se não desperta  
À voz de sua irmã!  
É mudo aquele a quem irmão chamamos,  
E a mão que tantas vezes apertamos  
Agora é fria já!  
Não mais nos bancos esse rosto amigo  
Hoje escondido no fatal jazigo  
Conosco sorrirá!  
Mancebo, atrás da glória que sorria,  
Sonhou grandezas para a pátria um dia,  
E a ela os sonhos deu;  
Mártir do estudo, na ciência ingrata  
Bebeu nos livros esse fel que mata  
E pobre adormeceu!  
Era bem cedo! - na manhã da vida  
Chegar não pode à terra prometida  
Que ao longe lhe sorriu!  
Embora desta estrada nos espinhos  
Cansado sucumbiu!  
Era bem cedo! - Tanta glória ainda  
O esperava, meu Deus, na aurora linda  
Que a vida lhe dourou!  
Pobre mancebo! no fervor dessa alma  
Ao colher do fruto a verde palma  
Na cova tropeçou!  
Dorme pois! Sobre a campa mal cerrada,  
Nós que sabemos que esta vida é nada  
Choramos um irmão;

E d'envolta c'os prantos da amizade  
Aqui trazemos, nos goivos da saudade,  
As vozes do coração!  
Eu que fui teu amigo inda na infância,  
Quando a alma das rosas na fragrância  
Bendizem só a Deus -  
Hoje venho nas cordas do alaúde  
Dizer-te o extremo adeus!  
Descansa! se no céu há luz mais pura,  
De certo gozarás nessa ventura  
Do justo a placidez!  
Se há doces sonhos no viver celeste,  
Dorme tranqüilo à sombra do cipreste...  
- Não tarda a minha vez!  
Maio - 1858

Berço e túmulo  
No álbum duma menina

Trago-te flores no meu canto amigo  
- Pobre grinalda com prazer tecida -  
E - todos os amores - deposito um beijo  
Na fronte pura em que desponta a vida.  
É cedo ainda! - quando moça fores  
E percorreres deste livro os cantos,  
Talvez que eu durma solitário e mudo  
- Lírio pendido a que ninguém deu prantos! -  
Então, meu anjo, compassiva e meiga  
Espõe-me um goivo sobre a cruz singela,  
E nesse ramo que o sepulcro implora  
Paga-me as rosas desta infância bela!  
Junho - 1858

Infância

O anjo da loura trança,  
Que esperança  
Nos traz a brisa do sul!  
- Correm brisas das montanhas...  
Vê se apanhas  
A borboleta azul!...  
Ó anjo da loura trança,  
És criança,  
A vida começa a rir.  
- Vive e folga descansada,  
Descuidada  
Das tristezas do porvir.  
Ó anjo da loura trança,  
Não descansa  
A primavera inda em flor;  
Por isso aproveita a aurora  
Pois agora  
Tudo é riso e tudo amor.  
Ó anjo da loura trança,

A dor lança  
Em nossa alma agro descrer.  
- Que não encontres na vida,  
Flor querida.  
Senão contínuo prazer.  
Ó anjo da loura trança,  
A onda é mansa,  
O céu é lindo dossel;  
E sobre o mar tão dormente,  
Docemente  
Deixa correr teu batel.  
Ó anjo da loura trança,  
Que esperança  
Nos traz a brisa do sul!...  
- Correm brisas das montanhas...  
Vê se apanhas  
A borboleta azul!...  
Rio - 1858

A uma platéia

O cedro foi planta um dia.  
Viço e força o arbusto cria,  
Da vergôntea nasce o galho;  
E a flor p'ra ter mais vida,  
Para ser - rosa querida -  
Carece as gotas de orvalho.  
Com o talento é o mesmo:  
Quando tímido ele adeja  
- Qual ave que se esponeja -  
Como a flor, também precisa  
Em vez de sopro da brisa  
O sopro da simpatia  
Que lhe adoce os amargores,  
Para em hora de cansaço  
Na estrada que vai trilhando  
Encontrar de quando em quando  
Por entre os espinhos - flores.  
E vós acabais de ouvi-lo  
A suspirar nesse trilo  
No seu gorjeio primeiro;  
Vós, que viste' o seu começo,  
Dai-lhe essas palmas de apreço  
Que é artista e... brasileiro!  
Setembro - 1858

No túmulo dum menino

Um anjo dorme aqui; na aurora apenas,  
Disse adeus ao brilhar das açucenas  
Sem ter da vida alevantado o véu.  
- Rosa tocada do cruel granizo -  
Cedo finou-se e no infantil sorriso  
Passou do berço p'ra brincar no céu!

Maio- 1858

A J. J. C. Macedo Júnior

Como o índio a saudar o sol nascente,  
Co' o sorriso nos lábios, franco e ledo  
Aperto tua mão:  
Cantor das açucenas, crê-me agora,  
Este canto que a lira balbucia  
É pobre, mas de irmão!  
Quando se sente como eu sinto e sofro,  
A mente ferve e o coração palpita  
De glórias e de amor:  
Se ouço Artur ao piano eu me extasio,  
Mas ouvindo teus hinos me arrebatou  
E pasmo ante o cantor!  
Na juventude, no florir dos anos,  
Não sei que vozes nos entornam n'alma  
Canções de querubim!  
Uns perdem, como eu, cedo os verdores,  
Mas outros crescem no primor das graças  
E tu serás assim!  
Oh! mocidade! como és bela e rica!  
Hino de amores neste século bruto!  
Louvor ao menestre!  
Palmas a ti, cantor das açucenas!  
Quatorze primaveras nessa frente  
Semelham-te um laurel!  
Quando tão moço, no raiar da vida,  
Já doce cantas como o doce aroma  
Das lânguidas cecéns,  
Podes, criança, erguer a fronde altiva!  
Como André-Chénier, no crânio augusto  
Alguma cousa tens!  
Não desmintas, irmão, este profeta,  
Sibarita indolente, sobre rosas  
Não queiras tu dormir,  
Se ao longe já brilha amiga estrela  
Aproveita o talento - estuda e pensa -  
É belo o teu porvir!

Não faças como nós; na infância apenas  
Solta, poeta, a gorjear de amores,  
Que é doce o teu cantar.  
Seja a vida p'ra ti só riso e galas  
E adormeças a cismar quimeras  
Da noite no luar.  
Não faças como nós; não desças louco  
A buscar sensações na bruta orgia  
Das longas saturnais;  
Se a lama impura salpica-te as penas,  
Sacode as asas, minha pomba casta,  
E foge dos pardais.  
Não manches, meu poeta, as vestes brancas  
No mundo infame; mirra-se a grinalda  
E vão-se as ilusões!  
A crença se desbota e o nauta chora

Desanimado no vai-vém teimoso  
Dos grossos vagalhões!  
Foge do canto da gentil sereia  
Que engana com sorriso de feitiços  
- Tão pálida Raquel!  
Não encostes na taça os lábios sôfregos...  
O vaso queima e beberás nos risos  
Da amargura o fel!  
Conserva na tua alma a virgindade,  
E tenha o coração na rica aurora  
Das rosas o matiz;  
Se donzela cuspir nos teus amores  
Chora perdida essa ilusão primeira...  
Mas vive e sê feliz!  
Se a dor for grande não te vergues fraco,  
Oh! não escondas no sepulcro a fronte  
Aos raios deste sol;  
Não vás como Azevedo - o pobre gênio -  
Embrulhar-te sem dó na flor dos anos  
Da morte no lenço!  
Vive e canta e ama esta natura,  
A pátria, o céu azul, o mar sereno,  
A veiga que seduz;  
E possa, meu poeta, essa existência  
Ser um lindo vergel todo banhado  
De aromas e de luz!  
Oh! canta e canta sempre! esses teus hinos,  
Eu sei, terão no céu ecos mais santos  
Que a terra não dará;  
Oh! canta! é doce ao triste que soluça  
Ouvir saudoso ao cair da tarde  
A voz do sabiá!  
Anta! e que teus hinos d'esperança  
Despertem deste mundo de misérias  
A estúpida mudez;  
E dos prelúdios dessa lira ingênua  
Em poucos anos surgirá brilhante  
Milevoye - talvez!  
Maio - 1858

Uma história

A brisa dizia à rosa:  
- "Dá, formosa,  
Dá-me, linda, o teu amor;  
Deixa eu dormir no teu seio  
Sem receio,  
Sem receio, minha flor!  
De tarde virei da selva  
Sobre a relva  
Os meus suspiros te dar;  
E de noite na corrente  
Mansamente,  
Mansamente me embalar!"  
E a rosa dizia à brisa:



- "Não precisa

Meu seio dos beijos teus;  
Não te adoro... és inconstante...  
Outro amante,  
Outro amante aos sonhos meus!  
Tu passas de noite e dia  
Sem poesia  
A repetir-me os teus ais;  
Não te adoro... quero o Norte  
Que é mais forte,  
Que é mais forte e eu o amo mais!"  
No outro dia a pobre rosa  
Tão vaidosa  
No hastil se debruçou;  
Pobre dela! - Teve a morte  
Porque o Norte,  
Porque o Norte a desfolhou!...  
Novembro - 1858

No leito  
M\*\*\*

Eu sofro; - o corpo padece  
E minh'alma estremece  
Ouvindo o dobrar dum sino!  
Quem sabe? - a vida fenece  
Como a lâmpada no templo  
Ou como a nota dum hino!  
A febre me queima a fronte  
E dos túmulos a aragem  
Roçou-me a pálida face;  
Mas no delírio e na febre  
Sempre teu rosto contemplo,  
E serena a tua imagem  
Vela à minha cabeceira,  
Rodeada de poesia,  
Tão bela como no dia  
Em que vi-te a vez primeira!  
Teu riso a febre me acalma;  
- Ergue-se viva a minh'alma  
Sorvendo a vida em teus beijos  
Como o saibo dos licores,  
E na voz, que é toda amores,  
Como um bálsamo bendito,  
Ouvindo-a, eu pobre palpito,  
Sou feliz e esqueço as dores.

II

Se a morte colher-me em breve,  
Pede ao vento que te leve  
O meu suspiro final;  
- Será queixoso e sentido,  
Como da rola o gemido  
Nas moitas do laranjal.

Quisera a vida mais longa  
Se mais longa Deus me dera,  
Porque é linda a primavera,  
Porque é doce este arrebol,  
Porque é linda a flor dos anos  
Banhada da luz do sol!  
Mas se Deus cortar-me os dias  
No meio das melodias,  
Dos sonhos da mocidade,  
Minh'alma tranqüila e pura  
A beira da sepultura  
Sorrirá à eternidade.  
Tenho pena... sou tão moço!  
A vida tem tanto enlevo!  
Oh! que saudades que levo  
De tudo que eu tanto amei!  
- Adeus, oh! sonhos dourados,

Adeus, oh! noites formosas,  
Adeus, futuro de rosas  
Que nos meus sonhos criei!  
Ao menos, nesse momento  
Em que o letargo nos vem  
Na hora do passatempo,  
No suspirar da agonia  
Terei a fronte já fria  
No colo de minha mãe!

III

Mas eu bendigo estas dores,  
Mas eu abenço o leito  
Que tantas mágoas me dá,  
Se me jurares, querida,  
Que meu nome no teu peito  
Morto embora - viverá!  
- Que às vezes na cruz singela  
Tu irás pálida e bela  
Desfolhar uma saudade!  
- Que de noite, ao teu piano,  
Na voz que a paixão desata,  
Chorarás a - Traviata  
Que eu dantes amava tanto  
Na ânsia do meu amor!  
- E darás compassiva  
Uma gota do teu pranto  
À memória morta ou viva  
Do teu pobre sonhador!  
Bendita, bendita sejas,  
Se nas notas benfazejas  
Tua alma falar co'a minha  
Nessa linguagem do céu  
Que o pensamento adivinha!  
Eu - o filho da poesia -  
Dormirei no meu sepulcro,  
Embalado em harmonia

Ao som do piano teu!

IV

Que tem a morte de feia?!  
- Branca virgem dos amores,  
Toucada de murchas flores,  
Um longo sono nos traz;  
E o triste que em dor anseia  
- Talvez morto de cansaço -  
Vai dormir no seu regaço  
Como num claustro de paz!  
Oh! virgem das sepulturas,  
Teu beijo mata as venturas  
Da terra, mas rega o véu  
Que a eternidade nos vela;  
E nós - os filhos do erro -  
Libertos deste desterro,  
Vamos contigo, donzela,  
No branco leito de pedra,  
Onde a música não medra,  
Sonhar os sonhos do céu!...  
Há tantas rosas nas campas!  
Tanta rama nos ciprestes!  
Tanta dor nas brancas vestes!  
Tanta doçura ao luar!  
- Que ali o morto poeta  
No seus íntimos segredos,  
À sombra dos arvoredos  
Pode viver e sonhar!

V

Assim, - se amanhã, se logo,  
Sentires na face amada  
Passar um sopro de fogo  
Que te queime o coração,

E uma mão fria e gelada  
Comprimir tua mão  
Frisando os cabelos teus;  
- Não tenhas tu vãos temores,  
Pois é minh'alma, querida,  
Que os desprender-se da vida,  
- Toda saudades e amores -  
Vai dizer-te o extremo - adeus!...  
Agosto - 1858

Pois não é?!

Ver cair o cedro anoso  
Que campeava na serra,  
Ver frio baixar à terra  
O pobre velho bondoso

Que procurando repouso  
Tropeçou na sepultura;  
É triste, sim é verdade,  
Mas não tão grande a saudade  
Nem a dor tão funda e dura,  
Pois que ao velho e ao cedro altivo  
Partindo a voz da procela,  
No mundo, - jardim lascivo -  
A vida foi longa e bela.  
Mas ver a rosa do prado  
Que a aurora deu cor e vida,  
De manhã - flor do valado,  
De tarde - rosa pendida!...  
Mas ver a pobre mangueira  
Na primavera primeira  
Crescendo toda enfeitada  
De folhas, perfume e flor,  
Ouvindo o canto do amor,  
No sopro da viração;  
Mas vê-la depois lascada  
Em duas cair ao chão!...  
Mas ver o pobre mancebo  
Em que a seiva reluz,  
No sonho cândido e puro,  
Nas glórias do seu futuro  
Dourando a vida de luz;  
Mas vê-lo quando a sua alma  
Ao som d'ignota harmonia  
Se derramava em poesia;  
Quando junto da donzela  
- Cativo dos olhos dela -  
Na voz que baluciava  
De amores falava a medo;  
Quando o peito transbordava  
De crenças, de amor, de fé,  
Vê-lo finar-se tão cedo,  
Como as vozes dum segredo...  
É dor de mais - pois não é?  
Indaiaçu - 1857

Na estrada  
Cena contemporânea

Eu vi o pobre velho esfarrapado  
- Cabeça branca - sentado pensativo  
Dum carvalho ao pé;  
Esmolava na pedra dum caminho,  
Sem família, sem pão, sem lar, sem ninho,  
E rico só na fé!  
Era tarde; ao toque do mosteiro  
Seu lábio a murmurar rezava baixo,  
- Ao lado o seu bordão;  
E o sol, no raio extremo, lhe dourava  
Sobre a fronte senil a dupla c'roa  
De pobre e de ancião!  
E o homem de metal vinha sorrindo  
Contando ao companheiro os gordos lucros

Na usura de judeus;  
O mendigo estendeu a mão mirrada,  
E pediu-lhe na voz entrecortada:  
- Uma esmola, por Deus!  
O homem de metal, embevecido  
Em sonhos de milhões, por junto à pedra,  
Sem responder, passou!  
O pobre recolheu a mão vazia...  
O anjo tutelar velou seu rosto  
Mas - Satanás folgou!  
Rio - 1858

No jardim  
Cena doméstica

Ela estava sentada em meus joelhos  
E brincava comigo - o anjo louro,  
E passando as mãozinhas no meu rosto  
Sacudia rindo os seus cabelos d'ouro.  
E eu, fitando-a, abençoava a vida!  
Feliz sorvia nesse olhar suave  
Todo o perfume dessa flor da infância,  
Ouvia alegre o gazejar dessa ave!  
Depois, a borboleta na campina  
Toda azul - como os olhos grandes dela -  
A docejar gentil passou bem junto  
E beijou-lhe da face a rosa bela.  
- Oh! como é linda! disse o louro anjinho  
No doce acento da virgínia fala -  
Mamãe me ralha se eu ficar cansada  
Mas - dizia a correr - hei de apanhá-la! -  
Eu segui-a chamando-a, e ela rindo  
Mais corria gentil por entre as flores,  
E a - flor dos ares - abaixando o vôo  
Mostrava as asas de brilhantes cores.  
Iam, vinham, à roda das acácias,  
Brincavam no rosal, nas violetas,  
E eu de longe dizia: - Que doidinhas!  
Meu Deus! meu Deus! são duas borboletas!...-  
Dezembro - 1858

Risos

Ri, criança, a vida é curta,  
O sonho dura um instante.  
Depois... o cipreste esguio  
Mostra a cova ao viandante!  
A vida é triste - quem nega?  
- Nem vale a pena dize-lo .  
Deus a parte entre seus dedos  
Qual um fio de cabelo!  
Como o dia, a nossa vida  
Na aurora é - toda venturas,  
De tarde - doce tristeza,

De noite - sombras escuras!  
A velhice tem gemidos,  
- A dor das visões passadas -  
A mocidade - queixumes,  
Só a infância tem risadas!  
Ri, criança, a vida é curta,  
O sonho dura um instante.  
Depois o cipreste esguio  
Mostra a cova ao viandante!  
Rio - 1858

Livro negro  
Horas tristes  
I

Eu sinto que esta vida já me foge  
Qual d'harpa o som final,  
E não tenho, como o naufrago das ondas,  
Nas trevas um fanal!  
Eu sofro e esta dor que me atormenta

É um suplício atroz!  
E p'ra contá-la falta à lira cordas  
E aos lábios meus a voz!  
Às vezes, no silêncio da minh'alma,  
Da noite na mudez,  
Eu crio na cabeça mil fantasmas  
Que aniquilo outra vez!  
Dói-me inda a boca que queimei sedento  
Nas esponjas de fel,  
E agora sinto no bulhar da mente  
A torre de Babel!  
Sou triste como o pai que as belas filhas  
Viu lânguidas morrer,  
E já não pousam no meu rosto pálido  
Os risos de prazer!  
E contudo, meu Deus! eu sou bem moço,  
Deverá só me rir,  
E ter fé e ter crença nos amores,  
Nas glórias e no porvir!  
Eu devera folgar nesta natura  
De flores e de luz,  
E, mancebo, voltar-me pr'o futuro,  
Estrela que seduz!  
Agora em vez dos hinos d'esperança,  
Dos cantos junvenis,  
Tenho a sátira pungente, o riso amargo,  
O canto maldiz!  
Os outros, - os felizes deste mundo,  
Deleitam-se em saraus;  
Eu solitário sofro e odeio os homens,  
P'ra mim todos são maus!  
Eu olho e vejo... - a veiga é de esmeralda,  
O céu é todo azul.  
Tudo canta e sorri... só na minh'alma  
O lodo dum paul!  
Mas se ela - a linda filha do meu sonho,

A pálida mulher  
Das minhas fantasias, dos seus lábios  
Um riso, um só me der;  
Se a doce virgem pensativa e bela,  
- A pudica vestal  
Que eu criei numa noite de delírio  
Ao som da saturnal;  
Se ela vier enternecida e meiga  
Sentar-se junto a mim;  
Se eu ouvir sua voz mais doce e terna  
Que um doce bandolim;  
Se o seu lábio afagar a minha fronte  
- Tão férvido vulcão!  
E murmurar baixinho ao meu ouvido  
As falas da paixão;  
Se cair desmaiada nos meus braços  
Morrendo de languidez,  
De certo remoçado, alegre e louco  
Sentira-me talvez!..  
Talvez que eu encontrasse as alegrias  
Dos tempos que lá vão,  
E afogasse na luz da nova aurora  
A dor do coração!  
Talvez que nos meus lábios desmaiados  
Brilhasse o seu sorrir,  
E de novo, meu Deus, tivesse crença  
Na glória e no porvir!  
Talvez minh'alma ressurgisse bela  
Aos raios desse sol.  
E nas cordas da lira seus gorjeios  
Trinasse um rouxinol!  
Talvez então que eu me pegasse à vida  
Com ânsia e com ardor,

E pudesse aspirando os seus perfumes  
Viver do seu amor!  
P'ra ela então seria a minha vida,  
A glória, os sonhos meus;  
E dissera chorando arrependido:  
- Bendito seja Deus! -  
Abril - 1858

Dores  
II

Há dores fundas, agonias lentas,  
Dramas pungentes que ninguém consola,  
Ou suspeita sequer!  
Mágoas maiores do que a dor dum dia,  
Do que a morte bebida em taça morna  
De lábios de mulher!  
Doces falas de amor que o vento espalha,  
Juras sentidas de constância eterna  
Quebradas ao nascer;  
Perfídia e olvido de passados beijos...  
São dores essas que o tempo cicatriza  
Dos anos no volver.

Se a donzela infiel nos rasga as folhas  
Do livro d'alma, magoado e triste  
Suspira o coração;  
Mas depois outros olhos nos cativam  
E loucos vamos em delírios novos  
Arder noutra paixão.  
Amor é o rio claro das delícias  
Que atravessa o deserto, a veiga, o prado,  
E o mundo todo o tem!  
Que importa ao viajor que a sede abrasa,  
Que quer banhar-se nessas águas claras,  
Ser aqui ou além?  
A veia corre, a fonte não se estanca,  
E as verdes margens não se crestam nunca  
Na calma dos verões;  
Ou quer na primavera, ou quer no inverno,  
No doce anseio do bulir das ondas  
Palpitam corações.  
Não! a dor sem cura, a dor que mata,  
É, moço ainda, e perceber na mente  
A dúvida a sorrir!  
É a perda dura dum futuro inteiro  
E o desfolhar sentido das gentis coroas,  
Dos sonhos do porvir!  
É ver que nos arrancam uma a uma  
Das asas do talento as penas de ouro,  
Que voam para Deus!  
É ver que nos apagam d'alma as crenças  
E que profanam o que santo temos  
Co'o riso dos ateus!  
É assistir ao desabar tremendo,  
Num mesmo dia, d'ilusões douradas,  
Tão cândidas de fé!  
É ver sem dó a vocação torcida  
Por quem devera dar-lhe alento e vida  
E respeitá-la até!  
É viver, flor nascida nas montanhas,  
Para aclimar-se, apertada numa estufa  
À falta de ar e luz!  
É viver tendo n'alma o desalento,  
Sem um queixume, a disfarçar as dores  
Carregando a cruz!  
Oh! ninguém sabe como a dor é funda,  
Quanto pranto s'engole a quanta angústia  
A alma nos desfaz!  
Horas há em que a voz quase blasfema...  
E o suicídio nos acena ao longe  
Nas longas saturnais!

Definha-se a existência a pouco e pouco,  
E o lábio descorado o riso franco  
Qual dantes, já não vem;  
Um véu nos cobre de mortal tristeza,  
E a alma em luto, despida dos encantos,  
Amor nem sonhos tem!  
Murcha-se o viço do verdor dos anos,  
Dorme-se moço e despertamos velho,  
Sem fogo para amar!

E a fronte jovem que o pesar sombreia  
Vai, reclinada sobre um colo impuro,  
Dormir no lupanar!  
Ergue-se a taça do festim da orgia,  
Gasta-se a vida em noites de luxúria  
Nos leitos dos bordéis,  
E o veneno se sorve a longos tragos  
Nos seios brancos e nos lábios frios  
Das lânguidas Frinés!  
Esquecimento! - mortalha para dores -  
Aqui na terra é a embriaguez do gozo,  
A febre do prazer:  
A dor se afoga no fervor dos vinhos,  
E no regaço das Marcôs modernas  
É doce então morrer!  
Depois o mundo diz: - Que libertino!  
A folgar no delírio dos alcouces  
As asas empanou! -  
Como de ele, algoz das esperanças,  
As crenças infantis e a vida d'alma  
Não fosse quem matou!...  
Oh! há dores tão fundas como o abismo,  
Dramas pungentes que ninguém consola  
Ou suspeita sequer!  
Dores na sombra, sem carícias d'anjo,  
Sem voz de amigo, sem palavras doces,  
Sem beijos de mulher!...  
Rio - 1858

\*\*\*

III

Pobre criança que te afliges tanto  
Porque sou triste e se chorar me vês,  
E que borrifas com teu doce pranto  
Meus pobres hinos sem calor, talvez;  
Deus te abençoe, querubim formoso,  
Branca açucena que o paul brotou!  
Teu pranto é gota de celeste gozo  
Na úlcera funda que ninguém curou.  
Pálido e mudo e do caminho em meio  
Sentei-me a sombra sofredor e só!  
Do choro a baga umedeceu-me o seio,  
Da estrada a gente me cobriu de pó!  
Meus tristes cantos comecei chorando,  
Santas endechas, doloridos ais...  
E a turba andava! Só de vez em quando  
Lânguido rosto se volvia atrás!  
E a louca turba passou sorrindo  
Julgava um hino o que eu chamava um ai!  
Alguém murmurava: - Como o canto é lindo! -  
Sorri-se um pouco e caminhando vai!  
Bendito sejas, querubim de amores,  
Branca açucena que o paul brotou!  
Teu pranto é gota que mitiga as dores  
Da úlcera funda que ninguém curou!

Há na minh'alma alguma cousa vago,  
Desejos, ânsias, que explicar não sei:  
Talvez - desejos - dalgum lindo lago,  
- Ânsias - dum mundo com que já sonhei...  
E eu sofro, oh anjo; na cruel vigília

O pensamento inda edobra a dor,  
E passa linda do meu sonho a filha,  
Soltas as tranças a morrer de amor!  
E louco sigo por desertos mares,  
Por doces veigas, por um céu de azul;  
Pouso com ela nos gentis palmares  
À beira d'água, nos vergéis do sul!...  
E a vrigem foge... e a visão se perde  
Por outros climas, noutra céu de azul;  
E eu - desperto do meu sonho verde -  
Acordo e choro carregando a cruz!  
Pobre poeta! na manhã da vida  
Nem flores tenho, nem prazer também!  
- Rosto mendigo que não tem guarida -  
Tímido espreito quando a noite vem!  
Bendita sejas, querubim de amores,  
Branca açucena que o paul brotou!  
Teu doce pranto me acalenta as dores  
Da úlcera funda que ninguém curou!  
A minha vida era areal despido  
De relva e flor e na estação louçã!  
Tu foste o lírio que nasceu, querido,  
Entre a neblina de gentil manhã.  
Em ondas mortas meu batel dormia,  
Chorava o pano à viração sutil,  
Mas veio o vento no correr do dia  
E, leve, o bote resvalou no anil.  
Eu era a flor do escalavrado galho  
Que a tempestade no passar quebrou;  
Tu foste a gota de bendito orvalho  
E a flor pendida a reviver tornou.  
Teu rosto puro restitui-me a calma.  
Ergue-me as crenças, que já vejo em pé;  
E teus olhares me derramam n'alma  
Doces consolos e orações de fé.  
Não serei triste;  
se te ouvir a fala  
Tremo e palpito como treme o mar,  
E a nota doce que teu lábio exala  
Virá sentida ao coração parar.  
Suspenso e mudo no mais casto enlevo  
Direi meus hinos c'os suspiros teus.  
E a ti, meu anjo, a quem a vida devo  
Hei de adorar-te como adoro a Deus!  
... - 1858

Fragmento  
IV

O mundo é uma mentira, a glória - fumo,  
A morte - um beijo, e esta vida um sonho

Pesado ou doce, que s'esvai na campa!  
O homem nasce, cresce, alegre e crente  
Entra no mundo c'o sorrir nos lábios,  
Traz os perfumes que lhe dera o berço,  
Veste-se belo d'ilusões douradas,  
Canta, suspira, crê, sente esperanças,  
E um dia o vendaval do desengano  
Varre-lhe as flores do jardim da vida  
E nu das vestes que lhe dera o berço  
Treme de frio ao vento do infortúnio!  
Depois - louco sublime - ele se engana,  
Tanta enganar-se p'ra curar as mágoas,  
Cria fantasmas na cabeça em fogo,  
De novo atira o seu batel nas ondas,  
Trabalha, luta e se afadiga em balde  
Até que a morte lhe desmancha os sonhos  
Pobre insensato - quer achar por força  
Pérola fina em lodaçal imundo!  
- Menino louco que se cansa e mata  
Através da borboleta que travessa



Nas moitas do mangal voa e se perde!...  
Dezembro - 1858

Anjo  
M.

Eu era a flor desfolhada  
Dos vendavais ao correr;  
Tu foste a gota dourada  
E o lírio pode viver.  
Poeta, dormia pálido  
No meu sepulcro, bem só;  
Tu disseste: - Ergue-te, Lázaro! -  
E o morto surgiu do pó!  
Eu era sombrio e triste...  
Contente, minh'alma é;  
Eu duvidava... sorriste,  
Já no amor tenho fé.  
A fronte que ardia em brasas  
A seus delírios pôs fim  
Sentindo o roçar das asas,  
O sopro dum querubim.  
Um anjo veio e deu vida  
Ao peito de amores nu:  
Minh'alma agora remida  
Adora o anjo - que és tu!  
Julho - 1858

Última folha

Meu Deus! Meu Pai! Se o filho da desgraça  
Tem jus um dia ao galardão remoto,  
Ouve estas preces e cumpre o voto  
- A mim que bebo do absinto a taça!  
- "Feliz serás se como eu sofreres,

"Dar-te-ei o céu em recompensa ao pranto"-  
Vós o dissestes. - E eu padeço tanto!...  
Que novos transes preparar me queres?  
Tudo me roubam meus cruéis tiranos:  
Amor, família, felicidade, tudo!...  
Palmas de glória, meus lauréis do estudo,  
Fogo do gênio, aspiração dos anos!...  
Mas o teu filho já se não rebela  
Por tal castigo, pelas mágoas duras;  
- Minh'alma ofereço às provações futuras...  
Venha o martírio... mas - perdão p'ra ela!...  
A doce virgem se assemelha às flores...  
O vento a quebra no seu verde ninho.  
- Velai ao menos pelo pobre anjinho,  
- Pagai-lhe em gozo o que me dais em dores!  
Maio - 6

FIM